



PENSANDO de FORMA AUTÔNOMA DENTRO e FORA da INTERNET

GUIA PARA FAMÍLIAS

Bernardo Sorj, Alice Noujaim e Maura Marzocchi





Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional
Attribution NonCommercial 4.0 International



Você tem o direito de:
You are free to:



Compartilhar: copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.
Share: copy and redistribute the material in any medium or format.



Adaptar: remixar, transformar e criar a partir do material.
Adapt: remix, transform, and build upon the material.

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

The licensor cannot revoke these freedoms as long as you follow the license terms.

De acordo com os seguintes termos:

Under the following terms:



Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

Attribution: You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.



Não comercial: Você não pode usar o material para fins comerciais.
Noncommercial: You may not use this work for commercial purposes.

Sem restrições adicionais: Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.

No additional restrictions: You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

**PENSANDO de FORMA
AUTÔNOMA DENTRO
e FORA da INTERNET**
GUIA PARA FAMÍLIAS

Bernardo Sorj, Alice Noujaim e Maura Marzocchi

Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa da Fundação FHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada ao fortalecimento das instituições democráticas e da cultura na América Latina, através do debate pluralista de ideias sobre as transformações na sociedade e na política da região e do mundo.

PENSANDO DE FORMA AUTÔNOMA DENTRO E FORA DA INTERNET: GUIA PARA FAMÍLIAS, 2021

AUTORES:

Bernardo Sorj
Alice Noujaim
Maura Marzocchi

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES:

Pilar Velloso

DIAGRAMAÇÃO:

Milena Branco

APOIO EDITORIAL E INFOGRAFIA:

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br (NIC.br) | Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)

Kelli Priscila Angelini Neves
Alexandre F. Barbosa
Daniela Costa
Fábio José Novaes de Senne
Luísa Adib Dino

COPYRIGHT TEXTO © 2021 FFHC



FUNDAÇÃO
FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sorj, Bernardo

Pensando de forma autônoma dentro e fora da internet [livro eletrônico] : guia para famílias / Bernardo Sorj, Alice Noujaim, Maura Marzocchi. -- São Paulo : Fundação FHC, 2021. -- (Corações e mentes)
PDF.

ISBN 978-65-87503-10-3

I. Democracia 2. Educação 3. Internet (Rede de computador) na educação I. Noujaim, Alice. II. Marzocchi, Maura. III. Título IV. Série.

21-88504

CDD-303.4833

Índices para catálogo sistemático:

1. Internet : Aspectos sociais 303.4833

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

APRESENTAÇÃO

Nossos filhos são nativos digitais. Nasceram em um mundo em que a internet é onipresente, como principal meio de comunicação, convivência e fonte de informação. Sabem desbloquear um celular desde bebês e com seus dedos ágeis parecem dominar o uso das novas tecnologias. Mas será que isso significa que entendem as implicações do que estão fazendo?

Assim como precisamos educar nossas crianças a conviver no espaço físico, é importante também educá-las para conviver no mundo virtual. As redes sociais apresentam desafios específicos, como por exemplo: manipulação de imagens e textos, bombardeio sistemático de *fake news*, mensagens de ódio, falsificação de identidade, apagamento de fronteira entre público e privado, e bolhas de informação alimentadas por algoritmos e big data. Para lidar com essa realidade precisamos ter alguma noção de como esses mecanismos funcionam, mas principalmente, **temos de fortalecer os valores de convivência social e a capacidade de reflexão autônoma.**

Por quê? Porque os valores e as competências cognitivas e emocionais necessárias para conviver no mundo digital são, fundamentalmente, os mesmos necessários fora dele. Mais ainda, estas habilidades socioemocionais se formam na convivência presencial entre as pessoas – na família, com os amigos, na sala de aula etc.

O objetivo desse texto é apresentar vieses cognitivos que influenciam a capacidade de reflexão e as emoções de nossas crianças. Vieses cognitivos são atalhos mentais ou distorções de pensamento que fazemos automaticamente e que nos levam a agir de forma tendenciosa. Esses vieses, geralmente, passam despercebidos, mas limitam o potencial das crianças, dos jovens – e também dos adultos – de se orientarem dentro e fora da internet por valores de respeito ao próximo e pela capacidade de reflexão e discernimento.

Convidamos vocês, mães, pais, familiares, a mergulhar nesse universo para ajudar seus filhos a navegar no mundo e nas redes de forma segura e responsável. Não podemos deixar de mencionar que na educação o elemento fundamental é o próprio exemplo. Valorizar o contato direto, conversar olhando nos olhos e não no celular, e limitar o uso de telas nos momentos de convivência familiar é o ponto de partida para valorizar e dar prioridade aos nossos seres queridos.

Este texto se beneficiou dos comentários a uma versão preliminar de Ana Bergamin, Miguel Fausto e Marcio Gonçalves.

A presente edição contou com o apoio do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). Esta colaboração envolveu o financiamento do projeto gráfico da publicação e a inclusão de dados das pesquisas produzidas pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), que ilustram como indivíduos, pais/responsáveis, professores e escolas acessam e usam a Internet no Brasil.

SUMÁRIO

APESENTAÇÃO

PÁG.7

INTRODUÇÃO

PÁG.11
Objetivos
do livro

1

PÁG.15
Empatia como
fundamento da
sociabilidade

2

PÁG.23
Viés da
confirmação:
a prudência e
a dúvida como
fundamentos
do julgamento
e da procura da
verdade

3

PÁG.29
Dissonância
cognitiva:
conviver
com visões
diferentes

4

PÁG.35
Viés da atribuição: devemos estar atentos a nossos preconceitos

5

PÁG.39
Viés da normalidade: cada pessoa tem direito a ser de seu jeito

6

PÁG.45
Viés do maniqueísmo: o mundo não é branco ou preto

7

PÁG.51
A privacidade como valor

8

PÁG.59
Informação e desinformação nas redes

INTRODUÇÃO

OBJETIVOS DO LIVRO

A presença da internet transformou o cotidiano das pessoas de qualquer idade. Como qualquer transformação, trouxe possibilidades positivas e negativas: por exemplo, junto com as bibliotecas virtuais e os jogos educativos também surgiram redes que facilitam a disseminação de notícias falsas e mensagens que promovem o ódio e preconceitos, aplicativos que viciam os usuários e levam à perda de controle da privacidade.

Fato é que estamos quase sempre conectados à internet, e cada vez mais nossa comunicação e interação social se realizam no mundo virtual. Aprender a viver com as redes sociais tornou-se um aprendizado incontornável, especialmente para quem tem filhos pequenos. Crianças e adolescentes, que até poucas décadas atrás tinham na escola e na família os principais espaços de comunicação, passaram a ter na internet, e em particular nas redes sociais, a principal fonte de informação, lazer e convivência social, sobre as quais pais e professores têm pouco ou nenhum acesso.

Como podemos educar nossas crianças para lidar com os desafios que esse novo universo apresenta? Nós entendemos que o mundo das relações presenciais e o mundo virtual não são esferas separadas, ainda que o *off-line* face a face permaneça sendo o espaço central onde se desenvolvem os afetos, os valores e a inteligência emocional.

O desafio educativo da nossa era passa, portanto, por relacionar os mundos *off-line* e *on-line*, mostrando como os problemas de reflexão e convivência que se colocam no mundo virtual, com suas características específicas, relacionam-se às nossas experiências fora das redes.

Assim sendo, o objetivo deste texto é contribuir para desenvolver habilidades e competências necessárias para que os jovens possam interagir tanto no mundo face a face como no virtual, sem perder a autonomia intelectual e emocional, que é o fundamento de cidadania e da convivência numa sociedade democrática.

Este livro mescla abordagens da alfabetização midiática e da educação socioemocional, enfatizando as relações entre desenvolvimento emocional e os valores de convivência cívica. Combinando elementos da psicologia e da sociologia, queremos contribuir para o fortalecimento de valores, competências e habilidades que desenvolvam o pensamento autônomo. Acreditamos que desenvolver essas habilidades ajudará os jovens a enfrentar os novos desafios colocados pelo mundo digital que vivemos: a dessensibilização, a desinformação, o *cyberbullying*, a aceleração do tempo pela expectativa de respostas rápidas que dificultam a reflexão, a “eternização” das informações pessoais em bancos de dados da informação postada, entre outros.

Para tal, resolvemos apresentar alguns vieses cognitivos, que podem ser definidos como mecanismos inconscientes que distorcem o pensamento e afetam a capacidade de raciocinar e julgar. Acreditamos que compreender o funcionamento desses vieses é uma ferramenta valiosa para que saibamos apoiar e orientar nossos filhos durante seus anos formativos.

Escolhemos esse ângulo específico porque ele permite:

- Desenvolver competências que trabalhem simultaneamente a abertura cognitiva, o autoconhecimento emocional, e a capacidade de convivência fundada nos valores de respeito e dignidade de todas as pessoas.
- Tratar essas competências como um conjunto: são habilidades necessárias tanto nas relações face a face, como na comunicação virtual.
- Abordar temas importantes para a formação dos jovens como cidadãos com valores democráticos a partir da experiência pessoal cotidiana, e não como abstrações por vezes distantes da experiência dos adolescentes.
- Formar habilidades que são relevantes em todas as esferas da vida, nos diversos campos do conhecimento e na convivência interpessoal.

Esperamos que este texto ajude os pais e familiares no seu desafio diário de educar nossas crianças no mundo atual, com os desafios específicos da era digital. Acreditamos que o desenvolvimento dessas competências – que permitem acompanhar as sutilezas da realidade, distantes das simplificações das mensagens rápidas e polarizações entre “amo”/“odeio” das redes – são fundamentais para a convivência respeitosa e para a formação de cidadãos responsáveis pelo bem comum.



1. EMPATIA:

O FUNDAMENTO DA SOCIABILIDADE

Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro. É o reconhecimento de que a convivência social exige aceitar a alteridade, a existência de um outro ou outra com sentimentos e formas de ver o mundo que lhe são próprias. A empatia é um dos principais componentes da inteligência emocional, é a partir dela que desenvolvemos relações humanas mais maduras e uma convivência social fundada no respeito mútuo, na cooperação e na solidariedade. O desenvolvimento da empatia é um processo permanente – se não for prejudicado por dificuldades psicológicas ou pelo contexto social mais amplo – de expansão concêntrica de nossa capacidade empática, primeiro no círculo da família, depois no núcleo de colegas e amigos, posteriormente no trabalho e nas relações sociais em geral.

Empatia é diferente de simpatia. Simpatia, tal como usamos corriqueiramente, refere-se a uma disposição a sermos cordiais e agradáveis em nossas relações com outras pessoas. Já a empatia está na ordem de nossa subjetividade, uma disposição a compreender as pessoas que nos leva a respeitar sentimentos e formas de ser diferentes dos nossos. Isso não significa necessariamente concordar com o outro, mas sim que procuremos entender o porquê de outro agir, pensar e sentir de forma particular. A empatia, portanto, supõe aceitar que cada pessoa tem sua forma de ser e interesses próprios, e a conviver e aprender com a diferença.

Empatia é a capacidade de sair de nosso mundo e procurar entender o mundo dos outros. A empatia se desenvolve a partir de dois mecanismos relacionados: por identificação com o outro por meio de sentimentos similares aos que experimentamos, e pela disposição de compreender pessoas diferentes.

Quando uma criança vê uma pessoa querida chorando e pergunta o que aconteceu, ela dá o primeiro passo no desenvolvimento de sua capacidade empática. Nesse momento ela se identifica com alguém de fora de seu mundo interno, preocupando-se com o que essa pessoa sente, e quer saber o que está acontecendo com ela. Esse reconhecimento do outro como um “eu”, mas um “eu” diferente de si – que tem uma subjetividade própria e motivos particulares que o levam a chorar – é um processo de diferenciação que resulta na empatia.

Ao reconhecer o outro em sua diferença, a empatia pode permitir também nos conhecer melhor. Por quê? Porque cada vez que nos relacionamos com

É A CAPACIDADE DE SAIR DE NOSSO MUNDO E PROCURAR ENTENDER O MUNDO DOS OUTROS

alguém, nossas emoções são acionadas. As pessoas com as quais nos relacionamos nos produzem sentimentos. Podemos gostar, admirar, confiar, temer, e também nos irritar, sentir inveja ou raiva. Nesse aspecto do autoconhecimento, o desenvolvimento de nossa empatia se relaciona também com a lembrança de que os sentimentos que as pessoas nos despertam são, em geral, projeções de nossos medos, desejos e inseguranças. E a forma pela qual nos relacionamos com elas depende, também, de entender por que elas despertam em nós emoções e sentimentos diversos.

Qual seria o maior inimigo da empatia? Outros sentimentos que se sobrepõem à nossa empatia pelo outro e que nos levam a fazer com os outros coisas que não desejamos que sejam feitas conosco. Que sentimentos são esses? Certamente medo, irritação, inveja, raiva, desejo de afirmação. Quando encontramos alguém que é mais frágil, inepto, diferente de nós, pode surgir a vontade de humilhar, gozar, ofender. Isto é, perdemos nossa capacidade de empatia, de entender que a outra pessoa é um ser humano e o instrumentalizamos em função de nossos problemas, dificuldades e inseguranças.

O respeito pelos outros e pelas suas diferentes formas de ser são condições para desenvolver uma relação empática. Se respeitamos, não nos apressamos a fazer julgamentos precipitados, rotular ou ofender, gerando sofrimento no outro. Quando julgamos sem conhecimento suficiente, acabamos cometendo injustiças. Quando rotulamos, reduzimos a pessoa a uma qualidade negativa e deixamos de enxergá-la como um indivíduo com sentimentos, e o podemos assim maltratá-lo.

Quando confiamos em nós mesmos, não precisamos ofender alguém para sentir que somos superiores e nos proteger das condutas ofensivas dos outros, porque entendemos que eles nos ofendem porque precisam se afirmar ou têm problemas que os levam a ser agressivos.

Quando rotulamos negativamente alguém, o fazemos para sentir que somos superiores, não por nossos méritos, mas pela suposta inferioridade do outro. Rotular sempre faz mal à pessoa rotulada. Isto vale para qualquer tipo de rótulo, porque ninguém se reduz a uma característica, ninguém é perfeito, todas as pessoas acertam e erram. Inclusive quando criamos rótulos positivos, por exemplo, “ele é um vencedor”, podemos acabar criando uma prisão. O “vencedor” pode sentir-se sempre obrigado a ganhar, e tudo o que ele faz é “jogar para a plateia”, querendo confirmar as expectativas que recaem sobre ele.

Na medida em que nos conhecemos, respeitamos uns aos outros, desenvolvemos nossa autoconfiança. A autoconfiança nos permite realizar aquilo que desejamos e também a sustentar nossas ideias, aceitando críticas que são realizadas de boa-fé. A autoconfiança também nos ajuda a entender que cada pessoa é diferente e, portanto, que a confiança não deve ser cega, pois somos todos falíveis.

O desejo de viver numa sociedade que se rege pelo princípio de que não fazemos aos outros o que não desejamos que eles façam a nós, pressupõe a empatia. Este princípio exige que quando interagimos com os outros devemos nos perguntar: e se eu estivesse do outro lado?

A empatia exige uma compreensão racional de regras abstratas, que organizam a convivência e permitem compartilhar brincadeiras, cooperar e competir. Os esportes e jogos são fundamentais para compreender que as regras boas são aquelas que valem igualmente para todos. A partir de jogos e trabalhos de grupo se desenvolve a capacidade de cooperar, de desenvolver esforços conjuntos com outras pessoas com um objetivo comum. Essas atividades exigem do indivíduo uma capacidade de, por exemplo, suportar críticas e aceitar opiniões diferentes. Nos jogos, em particular, é preciso aprender a compartilhar frustrações e derrotas. A cooperação, sobretudo, exige uma capacidade de negociar e de procurar, através do diálogo, uma solução que seja satisfatória para todos. Se somos capazes de compreender o outro, compreendemos também suas razões, e poderemos chegar ao melhor acordo possível.

MUNDO VIRTUAL E EMPATIA

Empatia é uma habilidade emocional/cognitiva que desenvolvemos fundamentalmente diante da presença física de outra pessoa, com a mobilização de todos os nossos sentidos, como o tom de voz, os gestos, a expressão facial e a movimentação corporal. Todas essas linguagens são informações relevantes no processo de constituição de uma relação de empatia. É com base nelas que procuramos entender o sentido do que nos é transmitido e compreender o impacto que produzimos sobre o outro a quem nos dirigimos. Quando o outro não está presente face a face, como numa conversa telefônica ou numa troca de mensagens no WhatsApp, perdemos boa parte da capacidade de entender o que realmente está acontecendo com a pessoa.

Nossa compreensão sobre o outro fica limitada à comunicação verbal, seja na forma de mensagens escritas ou gravadas.

A comunicação virtual exige um esforço constante de pensar nos efeitos que nossas mensagens podem causar, pois no meio virtual perdemos um elo fundamental com os nossos sentimentos e com a nossa humanidade, que passam por nossos sentidos.

A comunicação interpessoal não presencial, típica das redes, tende, portanto, a ser uma comunicação dessensibilizadora. Ela pode, por ser uma comunicação a distância, dificultar o entendimento do que o outro está querendo realmente transmitir, ou a reação que causamos no outro. Frases que não diríamos presencialmente, para evitar desconfortos, podem ser ditas facilmente, assim como podemos cortar um diálogo com um simples clique ou frases curtas que desestimulam a conversa.

A dessensibilização fica ainda maior pela rapidez com que a comunicação é processada e por sua característica de ser constituída de frases curtas e rápidas, levando a simplificações grosseiras. Na maioria dos casos, intercâmbios de opiniões divergentes nas redes não suportam

mais do que três ou quatro mensagens, e muitas vezes culminam em ofensas mútuas e/ou rompimento do diálogo. Perdemos, assim, tanto a capacidade de escuta como a de desenvolver de forma reflexiva os argumentos, enriquecendo-os graças ao diálogo.

A centralidade das redes sociais, ainda que essas também sirvam como plataforma de compartilhamento de experiências difíceis e de solidariedade, leva, na comunicação cotidiana, ao predomínio de um esforço de promoção de imagens simplificadas, onde fotos e selfies geralmente mostram momentos positivos e alegres de nós mesmos e dos outros,

muitas vezes transmitindo uma imagem irreal de nossas vidas e produzindo um empobrecimento de nossa visão do que acontece realmente com as outras pessoas, e a um esforço por transmitir uma imagem unilateral de nossas vidas.

Da mesma forma, boa parte das mensagens postadas nas redes sociais são feitas não na expectativa de gerar um diálogo significativo, mas uma resposta do tipo “gostei” ou “não gostei”, ou um emoji. A comunicação pode se transformar assim num exercício de promoção (ou destruição) de nossa autoestima e da dos outros em função das respostas (ou da falta de) recebidas. Nesse sentido, o mundo dos sentimentos e emoções fica mais simplificado e passamos a habitar um universo onde se perdem as nuances. Ou “amamos” ou “odiamos” tal ou qual música, pessoa, produto etc.

Estes processos são obstáculos à empatia, à nossa capacidade de nos colocar no lugar do outro, de escutar e levar em consideração o impacto daquilo que transmitimos às pessoas. Com o objetivo de formar seus filhos para a convivência ética e empática é importante que pais e familiares em geral tenham clareza dos impactos que a comunicação eletrônica tem no desenvolvimento de habilidades socioemocionais de seus filhos. O mundo virtual faz e continuará fazendo parte do cotidiano de nossos filhos. Portanto, não adiantará proibi-los de usar, mas, sim, ensiná-los, através do diálogo, de hábitos saudáveis e de exemplos a conviver no espaço virtual de maneira ética e empática.

QUANDO O OUTRO NÃO ESTÁ PRESENTE, PERDEMOS BOA PARTE DA CAPACIDADE DE ENTENDER O QUE REALMENTE ESTÁ ACONTECENDO COM A PESSOA

VALOR FORMATIVO

Procurar não produzir sofrimento nos outros é uma das principais consequências de nossa capacidade de sermos empáticos. A empatia nos ajuda a desenvolver habilidades que são fundamentais na nossa convivência, como o trabalho em equipe, o aprender com os outros, e o amadurecimento em termos emocionais e cognitivos. Ela é fundamental para a convivência em sociedade.

Qual o desafio das famílias para ajudar crianças e adolescentes a reconhecer o outro em sua diferença?

Explicar como raciocínios e sentimentos que nos fazem perder o respeito e a capacidade de empatia estão sempre presentes. Esta aceitação é o primeiro passo para que esses senti-

mentos não nos controlem. Quando reprimimos e não reconhecemos nossos sentimentos, podemos acabar nos expressando de forma destrutiva, contra nós mesmos e contra os outros, em discursos e práticas de intolerância e de ódio. Quando exercitamos a compreensão dos sentimentos dos outros e quando entendemos por que diferentes experiências de vida e outras pessoas podem produzir preconceitos, raiva e inveja, isto nos permite conhecermos-nos melhor. O autoconhecimento caminha junto à empatia, e ambos os desenvolvimentos resultam em maior respeito aos outros e a nós mesmos. Esse processo, portanto, é fundamental na construção da capacidade de convivência de crianças e adolescentes com seus familiares, amigos, colegas, assim como na confiança em si próprio.

Conselhos

- É fundamental que a empatia seja desenvolvida logo na primeira infância. A convivência com outras crianças, a nomeação de sentimentos, sejam eles bons ou ruins, é um bom exercício para que crianças percebam o que sentem, o que o outro sente e é o primeiro passo para que ela aprenda a se colocar no lugar do outro.
- Você sabe explicar o que está sentindo? As crianças observam muito e aprendem o tempo todo com o que os adultos ao seu redor falam, mesmo que não estejam falando diretamente com elas. Fale abertamente sobre sentimentos com suas crianças. Saber reconhecer e descrever diferentes sentimentos é o primeiro passo para a criança e o jovem poderem exercitar a empatia. Desenvolver um bom vocabulário emocional é uma habilidade valiosa para a vida toda.
- Assistir filmes em família e ler livros com seus filhos é uma maneira eficiente de falar sobre empatia. Pergunte como eles se sentiram sobre determinada cena, o que eles fariam no lugar dos personagens, como se sentiram assistindo o filme.
- Empatia é uma habilidade que se constrói com o tempo. Não é possível obrigar a criança a ser empática, é preciso ensiná-la aos poucos, sempre recorrendo à perguntas como “O que será que essa pessoa está sentindo?”, “Como será estar no lugar da outra pessoa?”, “Por que será que essa pessoa está se comportando dessa forma?”.
- Aumente e diminua o foco. A empatia é uma habilidade aprendida, que envolve articular duas modalidades de pensamento:
 1. Saber escutar com atenção o ponto de vista de outra pessoa, para conseguir se colocar no seu lugar e
 2. Conseguir dar um passo atrás para buscar entender o ponto de vista de várias pessoas. Esse exercício de focar em um e depois focar em vários pode ser feito tanto em situações do dia a dia quanto com personagens de livros e filmes.

- Tenha em mente que compreender não é concordar ou permitir. Ajudar sua criança a entender o que os outros estão sentindo, aumenta a capacidade dela de se comunicar, aguça sua sensibilidade e pode evitar frustrações.

PARA ASSISTIR EM FAMÍLIA

“UP: ALTAS AVENTURAS”

(2009) Livre

“EXTRAORDINÁRIO” (2017) +10

“DIVERTIDAMENTE” (2015) Livre

“SEXTA-FEIRA MUITO LOUCA”

(2003) Livre

“BILLY ELLIOT” (2000) +12

“BLACKFISH, FÚRIA ANIMAL”

(2013) +12

“INTOCÁVEIS” (2011) +14

SUGESTÕES DE LIVROS

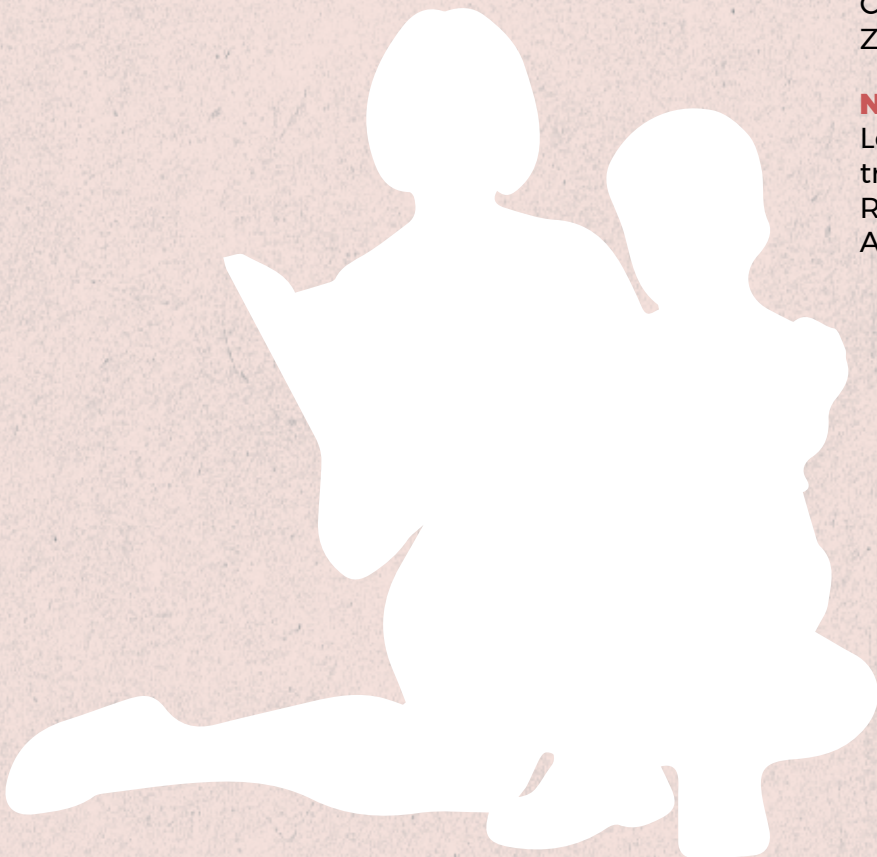
A MACAQUINHA, de Malta Altés, tradução de Gilda de Aquino, Ed. Brinque-Book, A partir de 3 anos.

SINTO O QUE SINTO E A INCRÍVEL HISTÓRIA DE ASTA E JASER, texto de Lázaro Ramos e ilustrações de Ana Maria Sena, Ed. Carochinha, A partir de 3 anos.

O PEQUENO GUI, de Mario Ramos, tradução de Luciana Veit, Ed. WMF Martins Fontes, A partir de 4 anos.

OANA E LIA, de Sandrine Bonini e Sandra Desmazières, tradução Celina Portocarrero, Ed. Pequena Zahar, A partir de 6 anos.

NA BEIRADINHA, de Agnès de Lestrade e Valeria Docampo, tradução de Angela Pecego e Rosana de Mont’Alverne, Ed. Aletria, A partir de 6 anos.

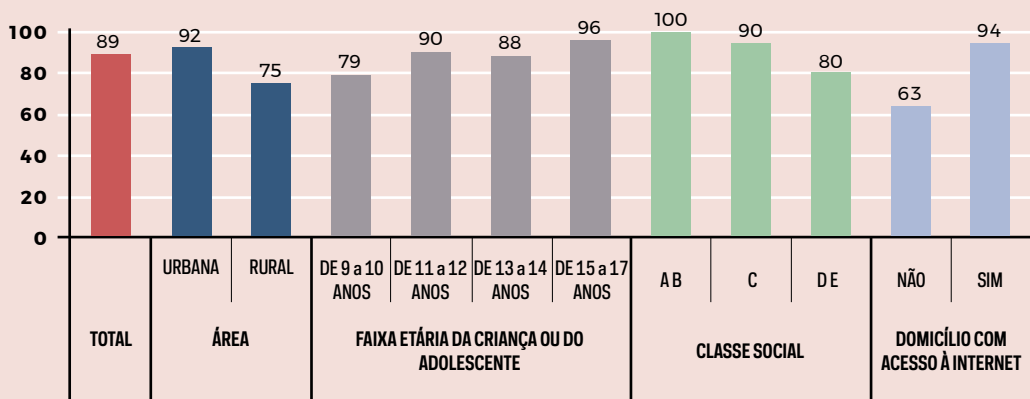


Dados e contextos de uso das tecnologias

QUEM SÃO AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES QUE ESTÃO ON-LINE NO BRASIL?

ACESSO À INTERNET

Total de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos (%) (2019)



58%
das crianças e adolescentes acessam à Internet exclusivamente pelo celular.



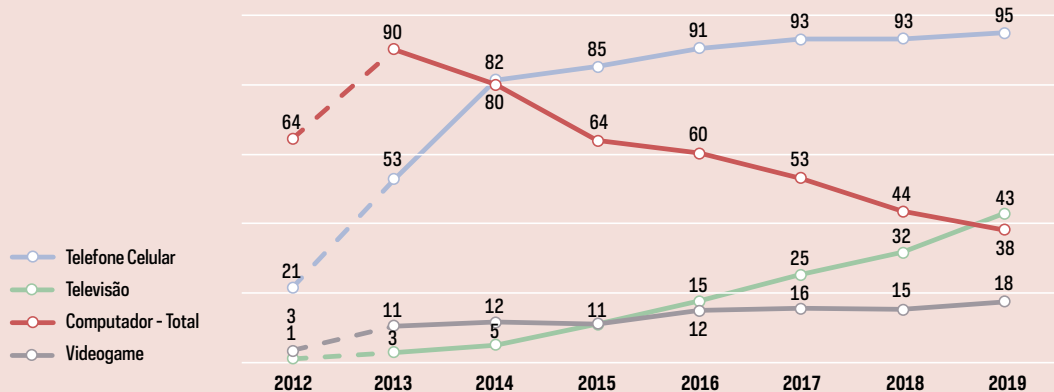
USO EXCLUSIVO DE TELEFONE CELULAR Por classe social

CLASSE SOCIAL	%
AB	25
C	59
DE	73

COMO AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES ACESSAM A INTERNET?

DISPOSITIVOS UTILIZADOS PARA ACESSAR A INTERNET

Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%)



Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2012-2019.

O QUE AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES FAZEM ON-LINE NO BRASIL?

ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET
Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%) (2019)



83%
das crianças e adolescentes assistiram a vídeos, programas, filmes ou séries.

76%
Pesquisaram na Internet para fazer trabalhos escolares

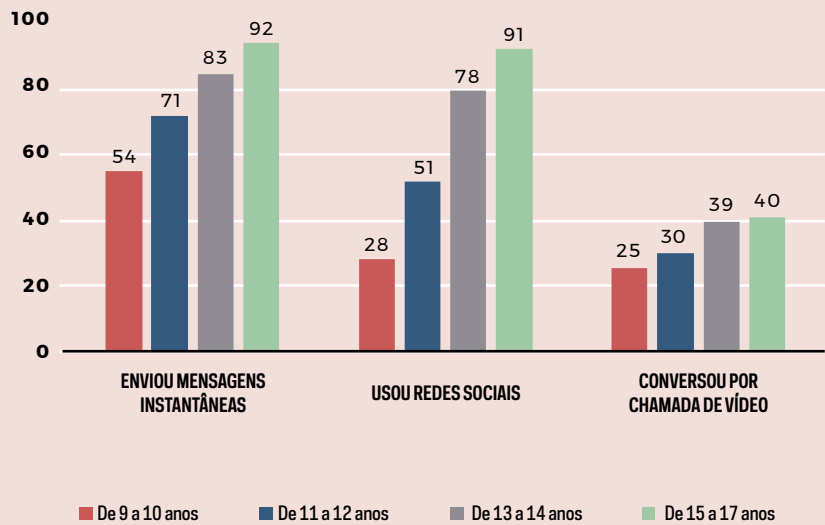
68%
Usaram redes sociais

64%
Pesquisaram na Internet por curiosidade ou por vontade própria

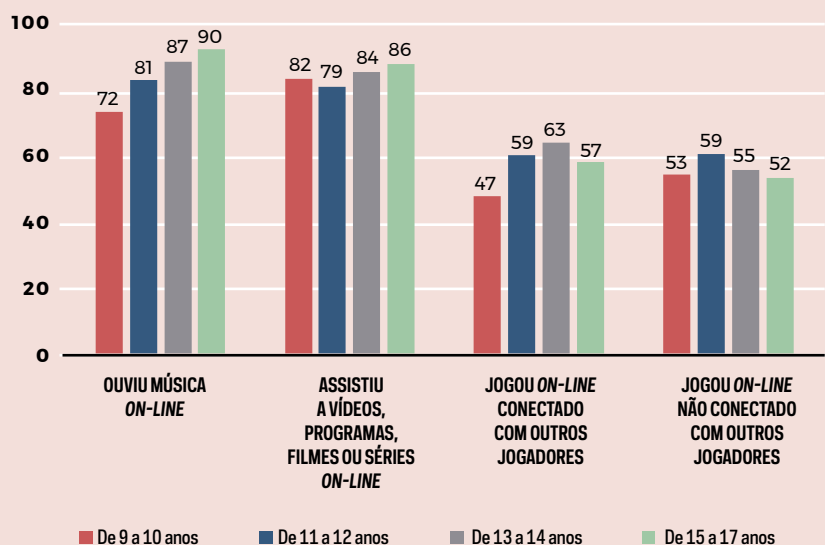
55%
Leram ou assistiram a notícias na Internet

31%
Procuraram na Internet informações sobre saúde

ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET
Comunicação e redes sociais



ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET
Multimídia e entretenimento





2. VIÉS DA CONFIRMAÇÃO:

A PRUDÊNCIA E A DÚVIDA COMO FUNDAMENTOS DO JULGAMENTO E DA PROCURA DA VERDADE

Todos nós temos opiniões sobre os mais diversos temas e pessoas. Simpatizamos mais com uns do que com outros, gostamos de certas coisas e desgostamos de outras. Quando alguém emite uma opinião que confirma o que pensamos, ficamos contentes, pois ela reforça nossas crenças e aumenta nossa autoestima. Por isso, quando alguém nos comunica algo que confirma o que pensamos, tendemos a acreditar sem antes refletir. O viés de confirmação nos leva a concordar com opiniões e informações que endossam aquilo em

que acreditamos e a rejeitar sem refletir quando elas colocam nossas crenças em questão.

Por exemplo, se alguém disser que uma pessoa que não gostamos fez algo errado, acabamos concluindo que a informação deve ser verdade. Da mesma forma, é difícil entender que, ao se discutir com alguém, não importam quantos dados e fatos sejam fornecidos, a pessoa continua rejeitando seu argumento. Todos nós desejamos ter nossas crenças confirmadas e temos dificuldade de aceitar quando elas são questionadas ou rejeitadas.

Cada vez que aceitamos uma opinião ou informação somente porque confirmam nossas crenças, podemos acabar cometendo uma injustiça ou nos fechando a novos aprendizados. Imaginemos uma situação onde acontece algo considerado errado, pelo qual não somos responsáveis, e alguém que discorda de nós diz que somos os responsáveis pelo acontecido. Você gostaria que outras pessoas o julgassem sem analisar primeiro se essa afirmação é certa ou errada?

QUANDO OUVIMOS ALGO QUE CONFIRMA O QUE PENSAMOS, TENDEMOS A ACREDITAR SEM REFLETIR

Podemos não gostar de alguém ou do que essa pessoa diz, mas isso não significa que seus dados ou argumentos não sejam verdadeiros, assim como certas informações que venham a confirmar o que sabemos podem ser falsas.

Em momentos, informações “indesejáveis” relacionadas àquilo que acreditamos podem ser verdadeiras, porém isso não significa

que nosso sistema de crenças deve desmoronar. É possível, por exemplo, concordar com algo dito por uma pessoa com a qual tendemos a discordar e sobre a qual temos uma visão crítica.

Se alguém nos informa algo que contradiz o que sabemos não significa que essa informação seja falsa. Nossas crenças são a base para nos relacionarmos com o mundo – é compreensível que elas sejam nosso “ponto de partida”, mas devemos atentar para nos protegermos desta tendência, pois ela pode nos levar a fazer julgamentos apressados ou a aceitar informações sem conferir sua veracidade. Por que quando alguém emite uma opinião que

coincide com o que pensamos ficamos contentes? Isso reforça nossas crenças, mas significa que de fato estamos certos? Se metade do mundo pensar que a Terra é plana, isso vai fazer com que ela de fato o seja?

Agir com prudência, isto é, não julgar antecipadamente, antes de termos todos os elementos que nos permitam emitir um juízo, e a dúvida, isto é, não aceitar uma informação antes de refletir e confirmar sua validade, tornam-nos melhores e mais abertos a aprender coisas novas. Julgar apressadamente nos leva a viver num mundo injusto, que não é bom para nós nem para os outros, e se nos fechamos às informações novas, diferentes do que sabemos, paramos de aprender.

A história do conhecimento humano sempre avançou colocando em questão as verdades estabelecidas, nas quais as pessoas acreditavam. Giordano Bruno, no século XIV, desenvolveu teorias sobre o universo que hoje são aceitas por todos, mas que na época colocavam em questão a ideia de que a Terra era o centro do mundo – Giordano Bruno foi queimado na fogueira. Durante a peste negra, na Europa, os médicos medievais não sabiam que o contágio da doença se dava por meio de micro-organismos, e submetiam os doentes a tratamentos ineficientes como sangrias para equilibrar os “humores” do corpo, ou condenavam inocentes que eram considerados responsáveis pela epidemia. Eles eram “bodes expiatórios”, isto é, pessoas inocentes que eram transformadas em responsáveis pelos problemas vividos pela sociedade.

Esses exemplos ilustram como nosso conhecimento é necessariamente limitado. Portanto, aquilo que nos parece óbvio hoje não o era no passado e, por outro lado, aquilo que acreditamos ser verdade hoje pode ser provado equivocado no futuro.

O que teria sido da medicina, e também da humanidade, se tivéssemos continuado a insistir na ideia da teoria dos humores? A vacina e os antibióticos teriam sido inventados? Quantas vidas teriam sido deixadas de ser salvas? As discussões com quem pensa diferente podem ser encaradas como uma oportunidade de crescimento. O conhecimento e toda obra criativa exigem pensar e fazer algo novo, diferente do que já existe; supõem experimentar e errar, encontrar caminhos que não foram trilhados.

Como conviver com o viés de confirmação? Quando somos confrontados com argumentos e informações das quais não dispúnhamos, devemos aprender primeiro a manter a calma, depois a ouvir – mesmo discordando –, refletir e, finalmente, se for o caso, sermos capazes de rever o que pensamos.

Quando alguém nos apresenta informações que colocam em questão o que acreditamos, elas nos produzem uma certa irritação, pois nos fazem sentir questionados ou diminuídos. Por que manter a calma e ouvir? Ideias diferentes, ou mesmo argumentos que no momento não conseguimos responder, não implicam que nossas posições estejam erradas, mas indicam que eventualmente devemos expandir nossa visão para incluir elementos novos que não conhecíamos.

Devemos sempre nos dar tempo para refletir sobre como esses elementos se encaixam ou não no que sabemos ou acreditamos. Às vezes isto é simples, quando pensávamos, por exemplo, que o país com maior território era a China e descobrimos que na realidade é a Rússia. Em outros casos é mais complexo, quando implica, por exemplo, rever um julgamento sobre outra pessoa. Eventualmente podemos seguir com nossas opiniões sobre o que pensávamos, mas podemos nos conscientizar de que existem outras posturas possíveis, e que elas se sustentam em argumentos que não podem ser desprezados. A melhor forma de terminar uma discussão é, portanto, propor: “Vamos pensar e depois continuamos”. E, depois, de fato refletir sobre os argumentos colocados pela outra pessoa.

O diálogo com alguém que pensa diferente pode se transformar em uma experiência penosa e difícil de suportar se partimos de uma postura “eu já sei tudo e o outro está errado”, ou se sentirmos que argumentos opostos nos produzem insegurança. Obviamente ninguém sabe tudo, e argumentos opostos aos nossos não exigem que mudemos de opinião. Eles só nos obrigam a refletir melhor sobre o que acreditamos, levam-nos a procurar novas informações e a ter maior clareza sobre o que pensamos.

VIÉS DA CONFIRMAÇÃO E INTERNET

No mundo *on-line*, os mecanismos de busca oferecem grandes riscos de nos conduzir a deixar de lado nossa prudência e nossa capacidade de refletir, levando-nos a agir de acordo com o viés da confirmação. Por quê? Porque quando procuramos uma informação num buscador (como por exemplo o Google) ficamos geralmente na primeira página, que inclui as respostas mais utilizadas, não necessariamente as mais informativas e curadas. Nas redes sociais, igualmente, tendemos a ficar fechados em grupos que pensam como nós, que só reforçam nossas crenças. Isso acontece por causa de uma arquitetura de inteligência artificial que combina algoritmos com dados pessoais para criar experiências personalizadas para cada usuário.

Isso significa que a partir do nosso comportamento *on-line* – as buscas que fazemos, os *sites* que acessamos, as postagens que curtimos e compartilhamos, os vídeos a que assistimos, as notícias em que clicamos – algoritmos calculam e selecionam conteúdos que podem ser de nosso interesse para nos mostrar. Com base nisso, as redes sociais estão programadas para nos enviar mensagens com as quais temos mais afinidade.

Os anúncios que vemos em diversos *sites* e redes sociais são baseados, igualmente, em buscas que fizemos previamente. Nós alimentamos essa “inteligência artificial” a cada vez que introduzimos qualquer informação na internet. A estrutura da rede fortalece, portanto, a formação de bolhas, que

afastam os usuários de conteúdos alternativos. Desse modo, somos privados, na prática, de perspectivas divergentes das nossas.

Nesse cenário, tendemos a viver em bolhas onde só recebemos mensagens ou lemos notícias que confirmam nossas crenças e ideais. Quando uma informação confronta o que pensamos, tendemos a deletá-las automaticamente da memória. As trocas de conteúdo acabam sendo apenas com aquelas pessoas com as quais temos opiniões semelhantes e perdemos contato com opiniões divergentes.

Quando divergimos, é suficiente um clique para passar para outra coisa. O desafio é furar a bolha e evitar essa tendência de apenas lembrar, interpretar ou pesquisar informações que confirmem nossas crenças ou hipóteses iniciais.

A velocidade com a qual as mensagens circulam e com a qual as respondemos é inimiga da prudência e da dúvida. Prudência e dúvida exigem calma, tempo de reflexão, conferir as informações, analisar se são verídicas ou convincentes, e, só depois, eventualmente passá-las para a frente. Se ficarmos presos à velocidade da internet, que cria a expectativa de uma resposta imediata, perdemos nossa autonomia, e acabamos divulgando informações erradas e produzindo injustiças.

VALOR FORMATIVO

Devemos sempre lembrar que ampliamos nossos horizontes quando nos deparamos com informações e visões diferentes das nossas, ainda que seja para entender que existem pessoas que pensam de outra forma e que têm direito a ter suas crenças assim como nós temos as nossas. Se procuramos somente informações e análises que confirmam o que sabemos e acreditamos, simplesmente paramos de crescer e de aprender. Se ouvimos, refletimos e eventualmente mudamos de opinião, quem “ganhou” não foi o outro, mas você. Não temos que ter vergonha de mudar de posição.

Conselhos

- Para nutrir o pensamento crítico, encoraje seus filhos a fazer perguntas, elaborar e racionalizar ideias e a julgar sua precisão e valor. Faça perguntas e apresente ideias provocadoras e desafiadoras, estimulando a discutirem e analisarem as ideias.
- Sempre que seu filho trazer alguma informação ou fizer alguma afirmação sobre algum assunto, estimule-o a elaborar melhor o seu raciocínio sobre o mesmo. Um exercício interessante é utilizar a estratégia dos 5 porquês e perguntar “por que?” a cada resposta dada por ele.
- Você vive rodeado de consenso? Todos ao seu redor concordam com você em tudo? Quem discorda de você está sempre errado em tudo? Como você lida com discordâncias no seu dia a dia? Incorpore esse tipo de questionamento no dia a dia e busque mostrar às crianças que é normal e saudável se perguntar “será que isso foi assim mesmo?” e tirar um tempo para pensar e procurar mais informações antes de aceitar uma informação ou opinião como verdade.
- Reuniões familiares são ocasiões nas quais costumam surgir conversas acerca de assuntos cujas opiniões são divergentes. Os ânimos ficaram exaltados? Como você explica para seus filhos o porquê da discussão?
- Faça o exercício de “sair da bolha” para buscar entender o que acontece fora de sua zona de conforto e conhecer mundos e opiniões divergentes. É uma atividade importante para que crianças e adolescentes desenvolvam empatia e aprendam a entender como o outro pensa e de que maneira as opiniões contrárias às dela podem colaborar para o debate e para o crescimento.
- É comum que crianças menores tenham discordâncias com colegas de escola e façam afirmações como “Meu amigo é chato”, “Eu não gosto do fulano”, ou “Nunca mais quero falar com ele”. Quando isso acontecer, ajude seu filho a elaborar o raciocínio para que ele organize os pensamentos e saiba explicar o porquê da afirmação. Muitas vezes, o sentimento é consequência de algum acontecimento cotidiano e o diálogo pode ajudá-lo a entender o outro lado da situação. Isso pode evitar que a criança ou jovem “pegue implicância” com o colega, que é uma manifestação do viés da confirmação, em que tudo que o outro faz irrita, desagrada ou parece errado.
- É importante naturalizar a dúvida e o cuidado como etapas do desenvolvimento do pensamento crítico. Ensine pelo exemplo: quando se deparar com alguma notícia ou informação que reforce seus pensamentos, mesmo que você leia e pense que está certo, chame sua criança para perto e procure junto com ela a mesma informação em outras fontes.
- Incentive a curiosidade: perguntar “você tem certeza?” e estimular “busque saber mais sobre isso” são jeitos de dar caminhos para as crianças construírem sua forma de pensar com maior cuidado.

PARA ASSISTIR EM FAMÍLIA

“COMO LIDAR COM TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO” (2020) Livre

“TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE” (1976) +14

“O JARDINEIRO FIEL” (2005) +14

“SPOTLIGHT: SEGREDOS REVELADOS” (2015) +12



3. DISSONÂNCIA COGNITIVA: CONVIVER COM VISÕES DIFERENTES

Temos uma tendência a acompanhar a opinião do grupo. Por quê? Porque geralmente queremos a aprovação das pessoas que nos rodeiam. Mas, quando o fazemos sem nos perguntar se concordamos com as decisões do grupo, suspendemos nossa capacidade de refletir e de julgar. Deixamos de ser indivíduos e passamos a ser manada. A capacidade de ser um dissonante cognitivo é a de ser fiel ao que acreditamos que seja certo, orientados pelos princípios éticos, independentemente do que a maioria ao nosso redor possa pensar.

Obviamente isso não significa que deixamos de considerar a opinião dos outros, mas que tomamos nossas decisões sobre o que é certo ou errado através de reflexões éticas em torno de valores coletivos, e não apenas acompanhando o grupo sem questionamento. Afinal, seguir o grupo sem refletir sobre o que se está fazendo pode ser perigoso, ou pode nos levar a cometer injustiças.

Por conta do desejo de ser aceito por aqueles ao nosso redor, é desafiador estar atento às atitudes de grupo que possam ferir valores coletivos e sociais mais amplos, especialmente para jovens, que ainda estão formando vínculos de identificação uns com os outros. O grupo vai sempre nos pressionar para que acompanhem a opinião da maioria ou de seus líderes. Mas cabe a cada um questionar, refletir e, por vezes, ter a coragem de discordar e propor reflexões ao grupo todo.

Discordar do grupo pode ser chato, mas é possível tanto resistir à pressão do coletivo por conta própria, quanto conversar com os colegas para refletirem juntos sobre suas ações. São abordagens complementares, ambas as quais exigem um grau de coragem para enfrentar o desconforto de destoar da opinião coletiva.

A dissonância cognitiva se produz quando nos confrontamos com opiniões externas com as quais inicialmente não concordamos, mas que terminamos aceitando para nos sentir parte do grupo. Além disso, ela também pode ser

**AO NOS MOVERMOS PARA
APAGAR A DISSONÂNCIA,
DEIXAMOS DE VIVER A
EXPERIÊNCIA DA DÚVIDA**

interna, quando sentimos/pensamos em direções aparentemente conflitivas. Quando fazemos algo, podemos achar que *“ficou legal”*, mas outro lado da gente nos diz que *“pode ficar melhor”*. Um lado nosso nos diz *“faça isso que vai curtir”*, outro nos diz *“não faça, pois é perigoso”*. Como saber qual rumo tomar? A dissonância cognitiva se manifesta quando somos colocados diante da responsabilidade de assumir uma posição, por um lado, e da fragilidade do nosso discernimento, por outro. Muitas vezes, trata-se da dificuldade em avaliar o que é certo. É possível aceitar que os conflitos internos e outras formas de enxergar o mundo são naturais, e devemos conviver com eles, procurando a solução mais satisfatória possível para cada um.

A dissonância cognitiva pode produzir desconforto, pois nos sentimos desgarrados entre duas demandas, cognitivas e/ou emocionais, que puxam em direções contrárias, enquanto queremos que nossos desejos e ações sejam coerentes. No entanto, a dissonância cognitiva

não é um sentimento errado, mas sim parte da complexidade da vida, da variedade de nossos valores, e ela nos permite amadurecer. Ao nos movimentarmos para apagar a dissonância, deixamos de vivenciar a experiência da dúvida, que é justamente o caminho que leva à reflexão. No lugar de negar nossas dissonâncias, devemos aceitá-las como ponto de partida para procurar respostas mais adequadas.

VALOR FORMATIVO

A valorização da dissonância cognitiva nos permite entender que podem existir formas diferentes de ver o mundo, e nos leva a que estejamos abertos a múltiplas maneiras de enxergar a realidade, a ouvir outros argumentos e a entender pessoas e culturas diferentes, que expandem nossa visão da riqueza humana.

A dissonância cognitiva está na base de nossa criatividade. A capacidade de pensar por si mesmo, de questionar o que os outros consideram como dado, de confrontar as nossas crenças estabelecidas, é o fundamento do processo de criação. Toda criação é um esforço de enfrentar dissonâncias cognitivas, indo além das alternativas enxergadas pelos outros, olhando para o mundo a partir de um ângulo próprio e encontrando soluções novas e mais satisfatórias para os problemas. Refletir sobre a própria vida e a de nossos amigos para aprender a reconhecer e lidar com a dissonância cognitiva é um exercício poderoso de autoconhecimento.

Conselhos

- Conviver com valores diferentes pode ser difícil e gerar conflitos internos, mas esses conflitos muitas vezes funcionam como motor para o desenvolvimento da criatividade. Jovens estão justamente no momento de vida mais propício a dissonâncias cognitivas, em que valores que lhes foram passados por vezes se chocam com novos valores que estão construindo com base em suas experiências. Cabe aos adultos ao redor lhes dar apoio e orientação para encarar suas dissonâncias cognitivas com naturalidade – afinal, conviver com demandas diferentes faz parte da vida – e para incentivar que usem a tensão resultante dessa dissonância cognitiva como uma tensão criativa.
Enfrentar conflitos internos não necessariamente implica em superá-los, mas em saber conviver com eles de maneira produtiva.
- A dissonância cognitiva é um mecanismo psicológico de reduzir o desconforto. Muitas vezes, o resultado é que inventamos desculpas irracionais para nos sentirmos mais confortáveis. Mas aprender a reconhecer e conviver com o desconforto e refletir em cima dele é um exercício poderoso de autoconhecimento, que dá às crianças ferramentas para lidar com as contradições e desafios da vida.
Questões para refletir antes de conversar com as crianças:
 1. É possível admirar uma pessoa por algumas ações e ao mesmo tempo desaprovar outras ações da mesma pessoa?
 2. É possível amar alguém de quem nós discordamos?
 3. Por que fazemos algumas coisas mesmo quando acreditamos que elas podem fazer mal?

4. No nosso cotidiano, que atitudes contraditórias nós tomamos? Por exemplo, comer bala mesmo sabendo que faz mal para os dentes, comprar algo mesmo sabendo que não vai usar, etc.
- A adolescência é o período no qual esses conflitos são mais evidentes, uma vez que é o momento no qual o grupo exerce forte influência sobre as decisões individuais. Durante essa fase, é comum ouvirmos frases como “*mas todo mundo vai*”, “*mas todo mundo fez*”, ou “*todas as mães deixaram*”. Em geral, encerramos a conversa com “*Você não é todo mundo*”.

Sim; nossos filhos não “são todo mundo” e é importante aproveitar esses conflitos para dialogar e mostrar que, apesar de fazer parte do grupo, manter opiniões próprias é um excelente exercício para que eles possam enfrentar situações futuras com mais confiança. Durante a infância e a adolescência, o poder do não ainda é dos pais, mas, à medida em que crescem, eles precisam ter segurança para dizer **não** a situações adversas e aprender a conviver com o conflito.

Por outro lado, a dissonância cognitiva pode ser uma boa oportunidade para encorajar nossos filhos a saírem da zona de conforto, aprenderem a ouvir opiniões contrárias às suas e, eventualmente, mudarem de opinião. Mais uma vez, exercitar o diálogo por meio dos porquês, para que elaborem seus argumentos é o melhor caminho para que aprendam a conviver com opiniões diferentes das suas, mantenham seus pontos de vista, ou os mudem..

- Uma maneira acessível de introduzir o conceito é por meio de exemplos.

Exemplo 1: A fábula da Raposa e as Uvas. Na história, a raposa deseja as uvas. Quando vê que não as consegue obter, diminui o conflito interno ao tentar racionalizar que, na verdade, as uvas estariam ruins. Ou seja, a raposa reduz o próprio desejo diante da sensação de fracasso. Essa fábula pode ser uma porta de entrada para conversas sobre como a dissonância cognitiva funciona. Você e sua criança podem refletir juntos: Por que é tão difícil reconhecer que uma coisa é boa, mesmo se estiver fora de nosso alcance?



Exemplo 2: A parábola dos Cegos e o Elefante. Na história, um grupo de cegos busca descrever como é um elefante. Cada pessoa encosta em uma parte diferente do elefante, e descreve como acha que o animal é de acordo com o que tateou: O que encostou na tromba diz que o elefante é como uma cobra grossa. O que sentiu a perna diz que o elefante é como um tronco de árvore. O que mexeu na orelha diz que o elefante parece com um leque. O que tocou no rabo diz que o elefante é como uma corda. A história demonstra como diferentes experiências e pontos de vista constroem diferentes percepções da realidade. Existe uma resposta certa? É possível que estejam todos certos em parte, mesmo que suas definições sejam contraditórias?

Exemplo 3: Coelho ou pato? Diferentes ângulos permitem ver coisas diferentes. Observe a imagem abaixo junto com a criança e faça algumas perguntas, como:

1. O que o fez pensar que é um pato/coelho?
2. Que características iniciais da imagem chamaram a atenção para ver um pato/coelho?
3. Depois que você decidiu se era pato ou coelho, você quis mudar sua opinião?



- A dissonância muitas vezes se manifesta nos momentos em que precisamos tomar alguma decisão. Aproveite os momentos em que algum dos adultos ou algum dos jovens está diante de uma decisão para conversar sobre os “prós e contras” de cada opção. Reconhecer que muitas vezes “não existe decisão certa”, mas sim aspectos positivos e negativos de diferentes opções é um jeito de lidar com o contraditório da vida. Ao incluir as crianças e jovens nessas conversas, você estará dando o exemplo de como pensar sobre dilemas da vida com sua devida complexidade.
- Aprender a lidar com conflitos internos faz parte do processo de crescimento e dialogar com nossos filhos para que compreendam o que significa tal conflito é o melhor caminho para que eles cresçam confiantes.

PARA ASSISTIR EM FAMÍLIA

“MOONLIGHT: SOB A LUZ DO LUAR” (2020) Livre

“A ONDA” (2008) +16

“ALL THAT WE SHARE” (2014) Livre

“KINDNESS IS CONTAGIOUS” (2020) Livre

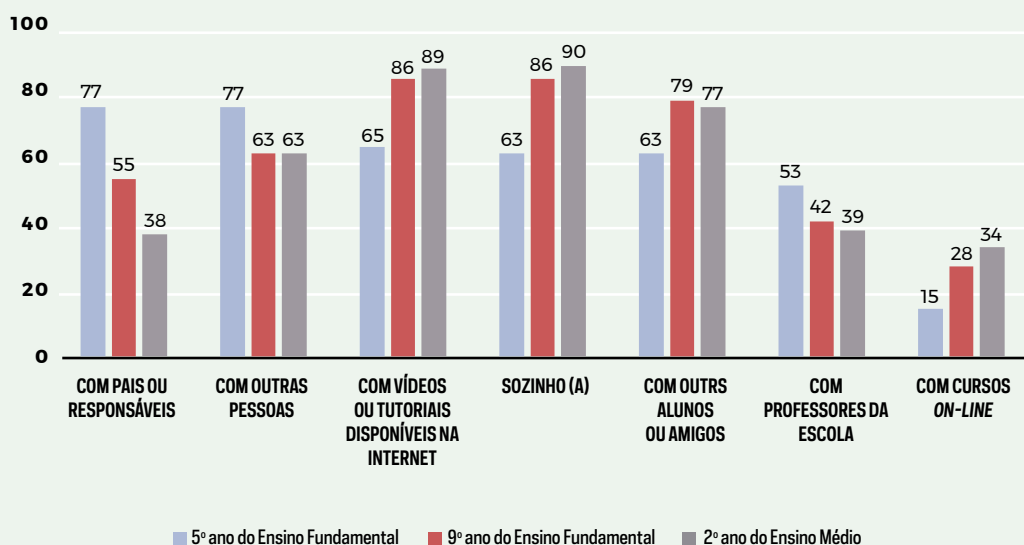
“IMBA MEANS SING” (2017) Livre

Dados e contextos de uso das tecnologias

COM QUEM OS ALUNOS DE EDUCAÇÃO BÁSICA APRENDEM SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NO BRASIL?

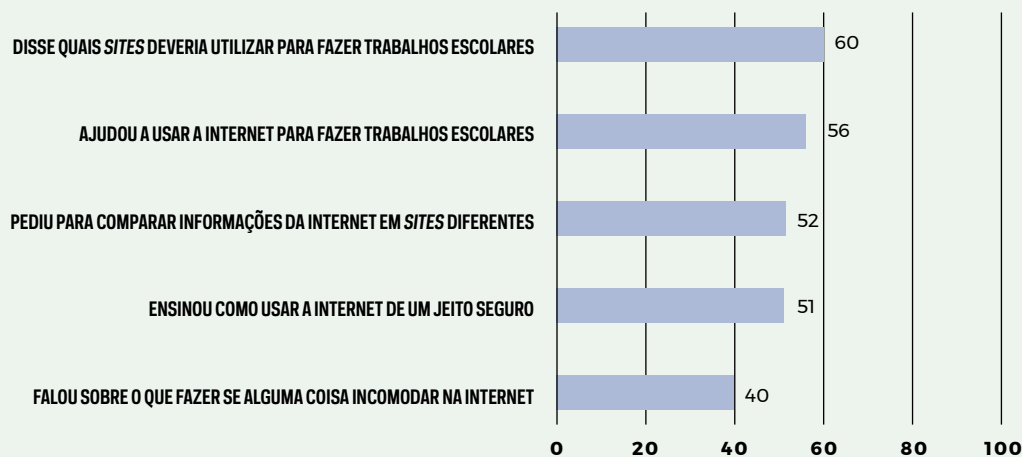
ALUNOS DE ESCOLAS URBANAS, FORMAS DE APRENDIZADO SOBRE O USO DA INTERNET

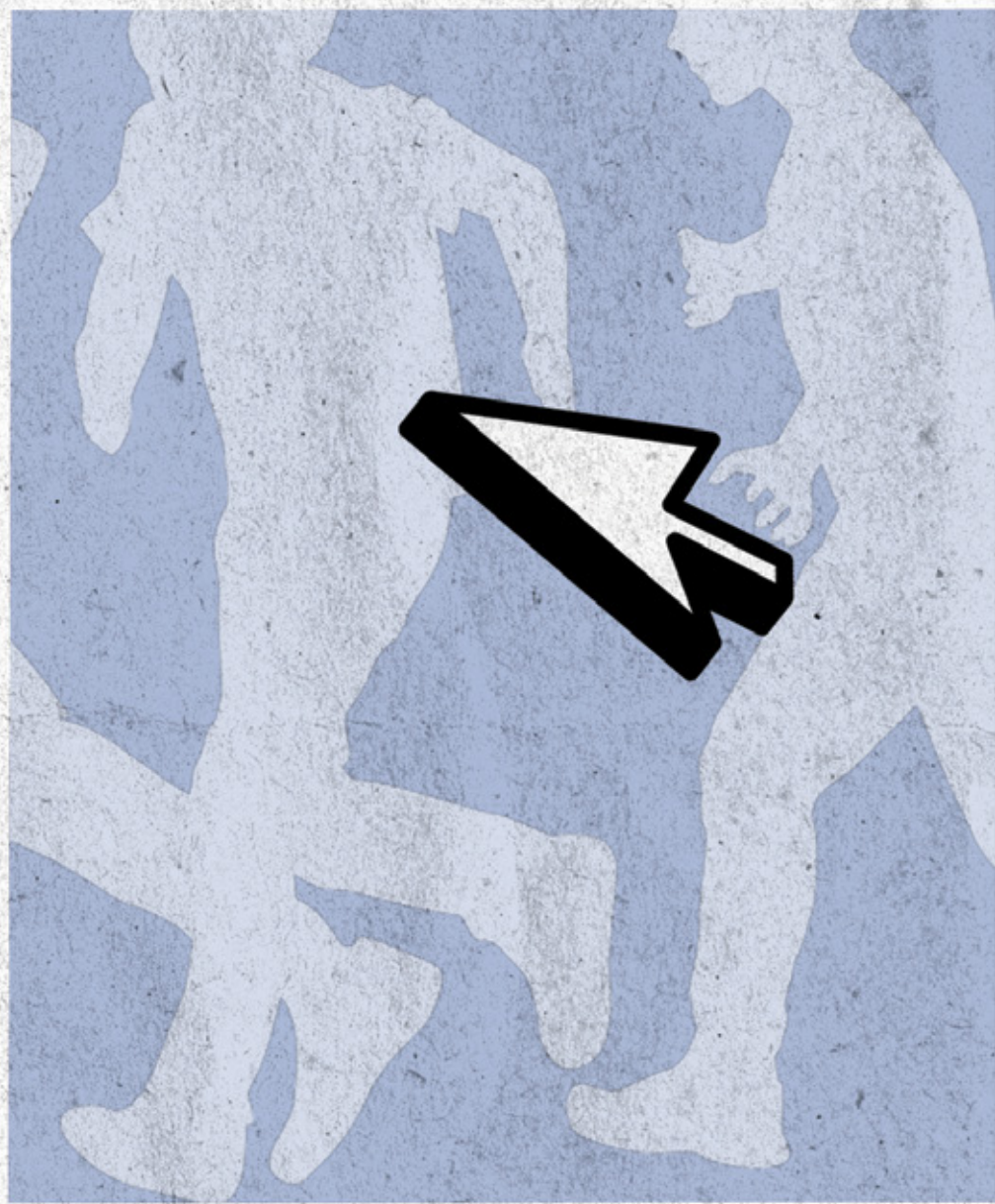
Total de alunos que estudam em escolas localizadas em áreas urbanas (%) (2019)



ALUNOS DE ESCOLAS URBANAS, ORIENTAÇÕES RECEBIDAS DOS PROFESSORES SOBRE O USO SEGURO, CRÍTICO E RESPONSÁVEL DA INTERNET

Total de alunos que estudam em escolas localizadas em áreas urbanas (%) (2019)





4. VIÉS DA ATRIBUIÇÃO:

DEVEMOS ESTAR ATENTOS AOS NOSSOS PRECONCEITOS

Devemos estar atentos aos nossos preconceitos ao procurar explicações causais para eles, pois eles agem de forma inconsciente. Nossos preconceitos nos levam a julgar situações sem o devido cuidado e afetam a maneira como determinamos quem ou o que é responsável por um evento ou ação e como o julgamos. Pessoas envolvidas em uma ação veem coisas de ângulos diferentes dos observadores externos.

Quando julgamos um ato, tendemos a nos concentrar em quem o fez e não no ato em si. Se foi feito por alguém de quem gostamos ou por nós mesmos, tendemos a justificá-lo como algo excepcional, ou como produto das circunstâncias. Quando é feito por alguém de quem não gostamos, achamos que é da natureza da pessoa, e que suas circunstâncias ou razões são irrelevantes.

Em suma, tendemos a ser compreensivos com os “nossos” e preconceituosos com o resto. Este viés funciona de forma inversa em casos de sucesso. Quando o sucesso é nosso ou de pessoas queridas, o explicamos como resultado da capacidade de fazer as coisas bem-feitas. Quando o “outro lado” tem sucesso, atribuímos à sorte, apoio externo, ou o consideramos uma exceção. A consequência deste viés, chamado “viés de atribuição” pela bibliografia, é que somos condescendentes com nós mesmos ou com pessoas com quem simpatizamos, sem refletir mais a fundo sobre o que aconteceu e sobre como devemos mudar ou ajudar a mudar as pessoas que o fizeram. Do outro lado, condenamos pesada e cegamente pessoas das quais desgostamos pelas mais variadas razões.

A procura de superar o viés de atribuição nos permite ir além dos limites de nossa percepção imediata, dos nossos preconceitos e distorções produzidos por nossos afetos e experiências passadas e de nossa tendência a fazer julgamentos apressados (ou insuficientemente fundamentados). Geralmente, julgamos por atribuição quando somos motivados ou pressionados a decidir.

PRECONCEITO NAS REDES SOCIAIS

Nas redes sociais, comportamentos discriminatórios – oriundos com base no viés da atribuição, ou seja, no preconceito – se proliferam na forma de ataques virtuais, discursos de ódio, *cyberbullying* e reprodução de imagens preconceituosas. Enquanto as mesmas plataformas também são usadas para todo tipo de ativismo (por exemplo, através de *hashtags* como #VidasPretasImportam ou #LuteComoUmaGarota) e oferecem opções de denunciar publicações, redes sociais se revelam como espaços propícios para manifestações de preconceito, seja de raça, gênero, nacionalidade ou outros. Esses preconceitos estão presentes e são reproduzidos na convivência *off-line* e *on-line*, mas tomam contornos específicos em cada tipo de ambiente. Nas redes, o preconceito e o discurso de ódio se proliferam, por exemplo, por meio de comentários agressivos em postagens pessoais, ataques coordenados com ajuda de *bots*, exposição e constrangimento público, chamados à violência, entre outras formas.

Do ponto de vista da regulação, as mesmas características que fazem das redes espaços aparentemente “abertos” e “livres” (entre aspas, pois todos obedecem a algoritmos pouco transparentes) tornam o combate ao preconceito *on-line* um desafio. Por exemplo, a facilidade de qualquer um ter espaço de fala, a democratização de acesso à informação, e até mesmo a possibilidade do anonimato.

Ainda que desafiador, existem medidas possíveis. Cada plataforma tem regras próprias visando coibir práticas de discriminação, e alguns países possuem legislação específica para esses casos. No caso do Brasil, por exemplo, é possível denunciar criminalmente o racismo a partir de ataques virtuais.

VALOR FORMATIVO

O viés de atribuição atrapalha nossa capacidade de julgar situações de maneira mais equânime. Quando julgamos os outros exclusivamente com base em nossos preconceitos, deixamos de olhar para o contexto em que as ações ocorrem, e o resultado é que formamos opiniões sem embasamento. Opinar ou tomar decisões enviesadas por conta de percepções pré-concebidas geralmente resulta em injustiças com quem está sendo julgado.

Pular para conclusões rápidas é fácil, mas para reduzir o número de injustiças que cometemos é importante tomar cuidado com a maneira como nossas atribuições enviesam nossos julgamentos. Ao longo do tempo, os exercícios de superar nossos vieses de atribuição contribuem para o desenvolvimento de nossa inteligência emocional.

Conselhos

- Todos cometemos erros por causa do viés de atribuição. Talvez, de todos os vieses cognitivos, esse seja o mais corriqueiro.
- Nossos filhos aprendem pelo exemplo e constroem suas percepções de mundo a partir do que ouvem e veem no contexto familiar. Portanto, nossas atitudes e a maneira como lidamos com situações adversas ajudam a construir a consciência que eles terão de seu entorno.

Entre amigos, é comum jovens e adolescentes “debocharem” de colegas que, por algum motivo, são diferentes do que eles consideram padrão, especialmente no contexto familiar. É fundamental termos consciência de nossos

preconceitos para aprender a não reproduzi-los em nossos filhos.

Todas as vezes que seus filhos fizerem comentários jocosos acerca de colegas, professores, pessoas ao seu redor, converse com eles e pergunte o porquê de tal comentário. “Vire o espelho” para seu ambiente familiar e pergunte-se se a conduta deles reflete aquilo que é falado por você.

O exercício da empatia é fundamental para construir crianças e adolescentes com maior aceitação do outro.

- Conversas sobre estereótipos, preconceitos e racismo são diferentes em cada família. Afinal, não somos todos iguais: em um país tão diverso quanto o Brasil, famílias em diferentes contextos enfrentam diferentes desafios.

Por conta disso, não há uma regra única de como abordar o assunto, apenas o consenso de que todas as famílias precisam conversar sobre esse assunto com as crianças desde cedo.

- Ignorar o assunto às vezes pode parecer o melhor caminho, mas ao evitar o assunto ou afirmar que “não se vê diferença”, estamos deixando as crianças expostas ao viés de atribuição. Negar a diferença naturaliza o preconceito e torna mais difícil para as crianças e jovens identificarem casos de discriminação que elas podem vivenciar, observar ou até mesmo perpetuar.
- Reconhecer que a diferença existe, sim, e é algo a se celebrar! Se sua criança pergunta sobre alguém que é diferente dela – por exemplo, diferente cor da pele, cabelo, modo de se vestir, modo de se locomover – aproveite a oportunidade para conversar sobre o que tem de diferente e também o que tem de comum, e celebrar como é bacana a humanidade ser tão diversa, e como existem tantas formas de ser único!

- Tudo bem não ter todas as respostas: nós adultos também estamos aprendendo, e também nos beneficiamos de conversar e refletir sobre esses temas com nossas crianças.

RECURSOS ON-LINE

<https://www.unicef.org/brazil/historias/o-direito-de-ser-quem-eh-sem-discriminacao>

PARA OUVIR EM FAMÍLIA

PODCAST “VIDAS NEGRAS”
<https://tiagorogero.com/vidas-negras-podcast/>

PARA ASSISTIR EM FAMÍLIA “OLHAR ESTRANGEIRO”

(1957) +12

“SIERRA BURGESS É UMA LOSER”
(2018) +12

“OLHOS QUE CONDENAM” (2019) +16

“SELMA - UMA LUTA PELA IGUALDADE” (2014) +14

“HISTÓRIAS CRUZADAS” (2011) +12

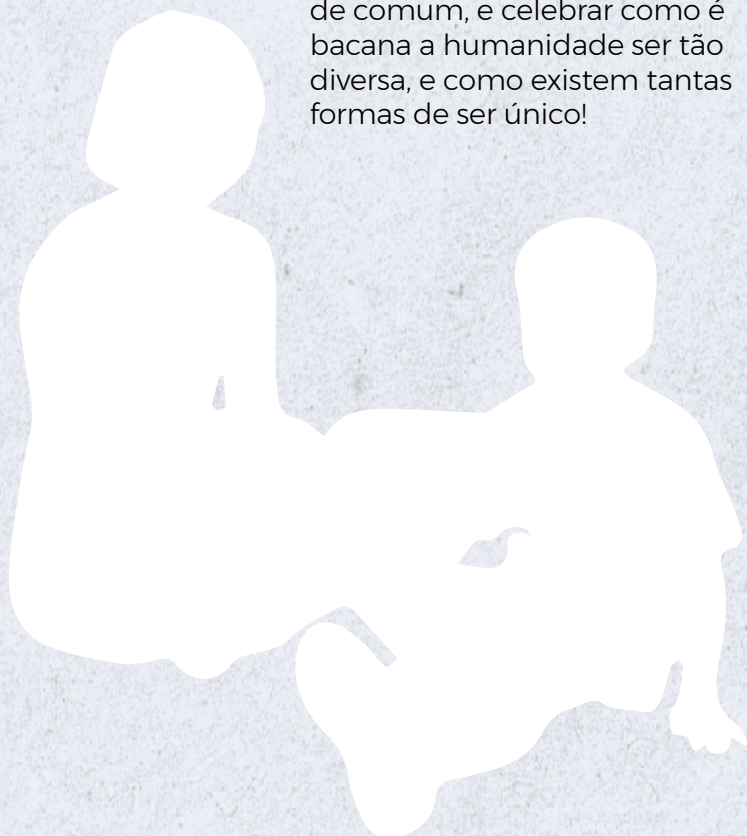
“CORRA!” (2017) +14

“ESTRELAS ALÉM DO TEMPO”
(2067) +14

“INFILTRADO NA KLAN”
(2018) +14

“O MENINO DO PIJAMA LISTRADO”
(2008) +12

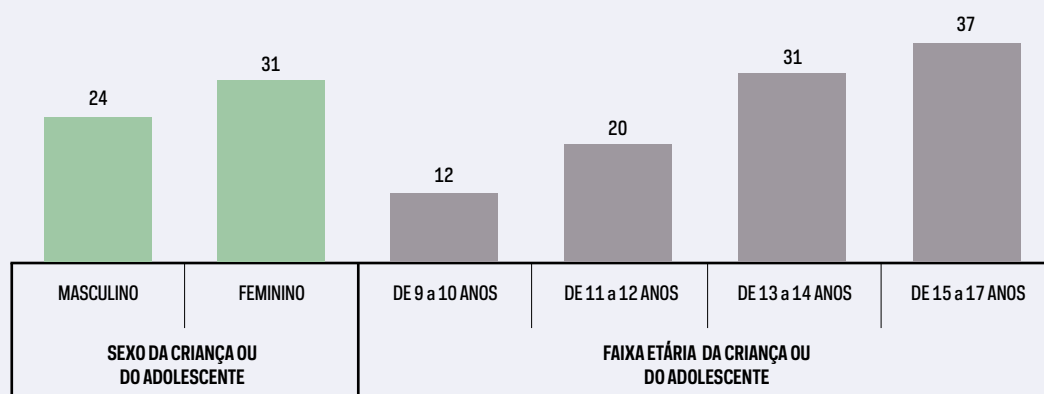
“O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA”,
Chimamanda Ngozi (2009) Livre
https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt



Dados e contextos de uso das tecnologias

CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL PERCEBEM SINAIS DE HOSTILIDADE NA INTERNET?

CRIANÇAS E ADOLESCENTE QUE FORAM TRATADOS DE FORMA OFENSIVA
Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%) (2019)



DISCRIMINAÇÃO TESTEMUNHADA E SOFRIDA NA INTERNET NOS ÚLTIMOS 12 MESES
Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%) (2019)

43%
das crianças e dos adolescentes de 9 a 17 anos viram alguém ser discriminado na Internet.



7%
da população nessa faixa etária reportou ter se sentido discriminada na Internet.

MOTIVO PELO QUAL VIU ALGUÉM SER DISCRIMINADO OU DISCRIMINADA
Total de usuários de Internet de 9 a 17 anos (%) (2019)

%	MASCULINO	FEMININO
PELA COR OU RAÇA	33	20
PELA APARÊNCIA FÍSICA	26	15
POR GOSTAR DE PESSOAS DO MESMO SEXO	21	9
PELA RELIGIÃO	15	7

Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2019.



5. VIÉS DA NORMALIDADE:

CADA PESSOA TEM DIREITO A SER DE SEU JEITO

Todos nós temos os mais variados gostos, em geral adquiridos no convívio familiar e depois com amigos. Eles incluem preferências de comida, a forma de se vestir, padrões de beleza, esportes, times de futebol ou formas de ser – alguns de nós somos mais introvertidos e, outros, mais extrovertidos. O viés da normalidade nos leva a pensar que nossa forma de ser é a única certa e a do resto é errada. Do nosso ponto de vista, temos dificuldade de conceber que aquilo que nos parece normal ou universal é, na verdade, singular, próprio de um grupo de referência dentro do qual convivemos, quando a sociedade se fundamenta na diversidade.

O que chamamos de normal não tem nada a ver com certo ou errado. Certo ou errado se referem às questões de ordem moral, isto é, princípios gerais que servem para respeitar e não machucar nem ofender os outros. Preferências em relação a gostos e hábitos são de ordem pessoal, informadas por contextos culturais, e cada um tem o direito de ser do jeito que quiser. Elas não devem ser usadas para desqualificar os outros.

Tudo aquilo que nós achamos “normal” na nossa sociedade, pouco tempo atrás não era. Os modelos de beleza mudam constantemente, seja de tipos de corpos idealizados ou de modas de roupas, e comidas que pareciam exóticas ou indigestas passaram a ser consideradas maravilhosas. As primeiras mulheres a usarem calça eram mal vistas, sandálias havaianas eram consideradas “coisa de pobre” e viraram moda universal. Não existe “normal” em relação a crenças religiosas ou opiniões sobre os mais diversos temas. Cada pessoa deve procurar

O QUE CHAMAMOS DE “NORMAL” NÃO TEM NADA A VER COM CERTO OU ERRADO

seu jeito de ser e de pensar, todas as crenças e opiniões são válidas. O que não é válido é ofender aqueles que pensam e acreditam de forma diferente da nossa, ou procurar impor nossas opiniões. Devemos rejeitar a ideia de que temos de fazer algo porque é “normal”, ou porque “todos fazem assim”. O certo não é o impulso inicial ou o desejo imediato, mas

sim aquilo que nos convence porque está de acordo com o que sentimos, pensamos, achamos justo, e que se fundamenta em argumentos razoáveis e preceitos éticos.

Se alguém é diferente de nós significa que nós somos diferentes dessa pessoa. Nem ela nem nós somos normais ou anormais. *Simplesmente somos diferentes e, portanto, diversos. A diferença permite a diversidade.*

Se todos pensassem igual, ninguém criaria nada de novo, ninguém teria dúvidas ou curiosidade, pois, cada vez que temos dúvidas, somos curiosos, criativos e refletimos, nos diferenciamos.

Reconhecer o viés da normalidade é reconhecer e respeitar os outros em sua diferença sem a expectativa de que exista uma definição fixa e fechada do que é normal. A diversidade entre as culturas e entre as pessoas é algo a ser celebrado. Uma vez que se aprende a valorizar a diversidade – em vez de simplesmente “tolerá-la” – é possível aprender com a diferença. Isso significa ganhar novas perspectivas, novos conhecimentos, desfazer preconceitos (viés da atribuição), e procurar compreender aqueles que são diferentes (empatia).

Muitas vezes, presumimos que nosso comportamento é “neutro”, “normal”, e que quem é diferente é o “desvio” ou faz uma escolha de ser diferente. Na realidade, os hábitos que julgamos serem “normais” e “neutros” podem ser vistos como estranhos por outras pessoas. Por exemplo, na Índia um aipim frito – alimento normal no Brasil – é considerado uma comida exótica. Enquanto isso, um caracol na França é considerado uma iguaria, em alguns países se come carne de cavalo, a lista é interminável. Comer carne animal para uns é aceitável e, para outros, uma barbaridade. Em São Paulo, é normal as pessoas se cumprimentarem com um beijo no rosto, e, no Rio de Janeiro, dando um beijo em cada bochecha. Ser diferente não deve ser confundido com o que é certo ou errado. O diferente é apenas diferente.

Então por que muitas vezes gozamos e maltratamos as pessoas diferentes? As respostas são múltiplas, dentre elas:

OS HÁBITOS QUE JULGAMOS SEREM “NORMAIS” E “NEUTROS” PODEM SER VISTOS COMO ESTRANHOS POR OUTRAS PESSOAS

- Às vezes simplesmente porque estamos com raiva ou frustrados por alguma outra coisa e descontamos nos mais fracos;
- Porque é uma forma de nos sentirmos superiores quando queremos nos afirmar perante o grupo;
- Porque a forma de ser do outro nos deixa inseguros.

Como nos fechamos em bolhas, as redes sociais facilitam a tendência a achar nosso jeito de ser como certo e o resto como errado, reforçando o viés da normalidade. As bolhas facilitam o assédio e a ofensa, porque as mensagens circulam entre pessoas que possuem as mesmas afinidades. As redes sociais nos dessensibilizam – é mais fácil enviar uma mensagem quando não temos de suportar o sofrimento que causa no outro.

As redes sociais, apesar de serem locais de grande exposição, são praças em que não precisamos ver a reação, face a face, de quem recebe nossos comentários. Por isso, muitas vezes servem como um refúgio para aqueles que ofendem, assediam ou praticam *bullying*.

Conversar com calma, ouvir o outro com atenção e conhecer maneiras diferentes de ser, agir e pensar não significa necessariamente gostar ou concordar, mas sim respeitar. *O exercício de respeitar sem concordar é fundamental no convívio social.*

VALOR FORMATIVO

Abrir-se para maneiras diferentes de pensar e agir é um jeito de alargar as próprias percepções. Quando não assumimos que nossas opiniões e nosso jeito de fazer as coisas são a única forma de ser, é mais fácil enxergar formas diferentes como alternativas interessantes. Entrar em contato com pessoas diferentes sem partir da premissa de que estão erradas nos permite aprender com o que parece estranho, inclusive como uma forma de autoconhecimento, ou seja, de melhor compreender por que somos como somos. Não há nada de errado em gostar do jeito que somos. O errado é maltratar as pessoas que são diferentes de nós.

Conselhos

- Não nascemos preconceituosos. O preconceito é uma construção cultural que começa no âmbito da família. As primeiras impressões que nossos filhos têm do mundo são representações construídas no ambiente familiar. Eles aprendem a olhar o mundo com o olhar que foi ensinado por nós. Aprendem através do exemplo e, especialmente daquilo que ouvem e das reações que percebem no cotidiano familiar. À medida em que os jovens convivem com atitudes de tolerância e respeito, eles tendem a reproduzi-las, afinal, a formação de valores se faz, em grande medida, pela experiência e pelo exemplo.
- O ambiente escolar é o segundo espaço de socialização de crianças e é inevitável que carreguem para dentro da sala de aula exemplos, reações e opiniões que aprenderam em casa.

Por outro lado, a escola é um grande caldeirão, onde a criança também pode entrar em contato com preconceitos de outros, e com valores trazidos de outras crianças, que ela pode levar para a casa.

Portanto, é fundamental ensinarmos nossos filhos que nem todos têm a mesma opinião e respeitar a opinião contrária por meio da escuta é fundamental para a boa convivência em sociedade. Mas não podemos confundir opinião com atitudes preconceituosas em relação àquilo que é diferente de nós.
- Na escola nossos filhos aprendem a conviver com a diversidade e esse exercício é fundamental para que abram seus horizontes e percebam a importância de respeitar o outro.

Também é possível apresentar um mundo diverso no ambiente familiar, introduzindo no dia-a-dia músicas, filmes, comidas, fotografias de outras culturas, e ocasionalmente visitando feiras regionais. Essa é uma maneira constante e eficaz de colocar as crianças em contato com a diferença e a diversidade. Por que isso é importante? Ver o que é diferente nos costumes de outras culturas é um ponto de partida para refletir sobre o que nós consideramos “ser normal” que pessoas de outras culturas e contextos acham estranho. O exercício de tornar estranho aquilo que nos é familiar – ou seja, a desnaturalização do nosso olhar – é uma ferramenta que todos podemos usar. No mundo contemporâneo, a internet nos dá inúmeras oportunidades de aprender com a diversidade do mundo e de ampliar nossos referenciais.
- Conte para suas crianças como eram os hábitos, a moda, os costumes, na época que você tinha a idade delas. Qual era o penteado que todos achavam bonito? Que estilo era desejado? Quais eram as gírias? Como as pessoas combinavam encontros sem ter telefone celular? Como buscavam uma informação sem acesso à internet? Além de ser um momento familiar de compartilhamento de histórias, você pode mostrar para a criança que o que era normal

ontem não é o normal hoje. Ou seja: o que é “normal” muda o tempo todo.

- A adolescência é um período importante para a construção do caráter e é também o momento no qual os jovens têm necessidade de impor seu ponto de vista para o grupo. Nesse momento, o diálogo em família é muito importante.

RECURSOS ON-LINE

<https://new.safernet.org.br/content/o-que-e-cyberbullying>

<https://marcuspessoa.com.br/6-casos-de-cyberbullying-que-tiveram-final-tragico/>

CYBERBULLYING (UNICEF)

<https://www.youtube.com/watch?v=asT-ti6y39xl>

PARA ASSISTIR EM FAMÍLIA

“PEQUENA MISS SUNSHINE”

(2006) +4

“O ESCAFANDRO E A BORBOLETA”

(2007) +14

“CORRA!” (2017) +14

“COLEGAS” (2012) +12

“SHREK” (2001) Livre

“DE VOLTA PARA O FUTURO” (1985)

LIVRE “ADEUS, LÊNIN!”

(2003) +14

“CASAMENTO GREGO”

(2002) Livre

“CRIANÇAS REAGEM A UMA MÁQUINA DE ESCREVER”

(2014) Livre

“DRIBLANDO O DESTINO” (2002)

Livre

“JANELA DA ALMA”

(2001) Livre

“DUDU E O LÁPIS COR DE PELE”

(2018) Livre

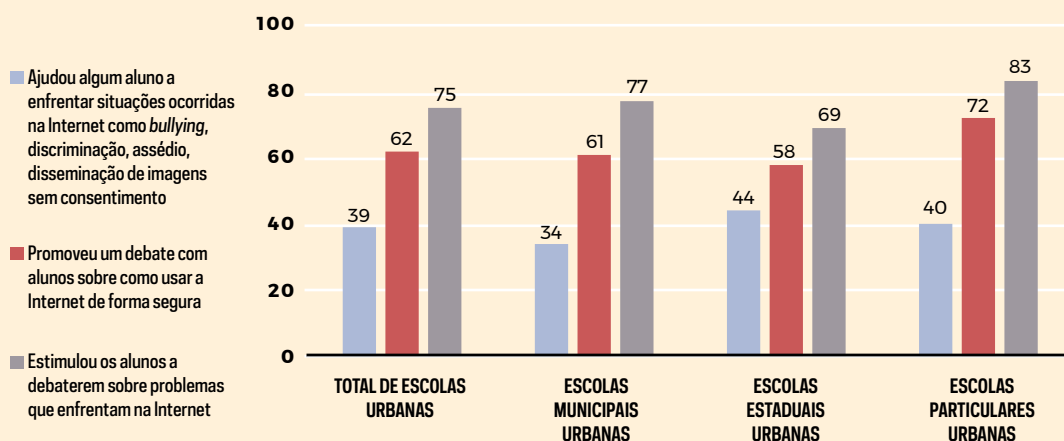
PARA ACESSAR EM FAMÍLIA

GOOGLE ARTS & CULTURE <https://artsandculture.google.com/>

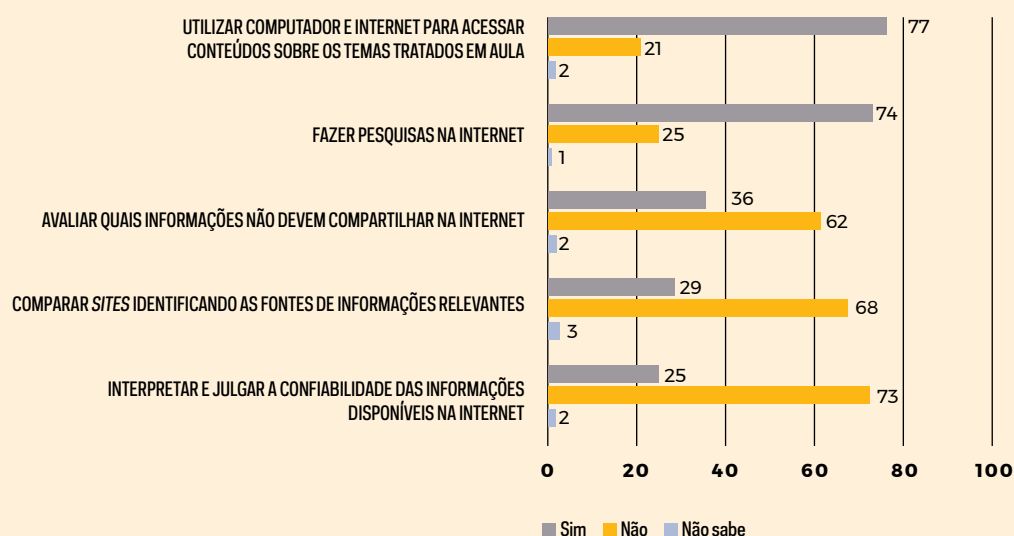
Dados e contextos de uso das tecnologias

COMO OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA APOIAM OS ALUNOS NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DIGITAIS NO BRASIL?

PROFESSORES DE ESCOLAS URBANAS QUE REALIZARAM ATIVIDADES COM OS ALUNOS SOBRE O USO SEGURO DA INTERNET
Total de professores que lecionam em escolas localizadas em áreas urbanas (%) (2019)



PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE ESCOLAS URBANAS SOBRE O CONHECIMENTO DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE COMPUTADOR E INTERNET
Total de professores que lecionam em escolas localizadas em áreas urbanas (%) (2019)





6. VIÉS DO MANIQUEÍSMO: O MUNDO NÃO É BRANCO OU PRETO

As relações entre pessoas e grupos produzem constantemente situações conflitivas. O viés do maniqueísmo é a tendência a analisar qualquer situação de conflito de opinião como sendo uma luta entre o bem e o mal, no qual seu lado representa o bem e o “outro lado”, o mal. O maniqueísta supõe que todos aqueles alinhados à sua crença estão sempre certos, e o resto, totalmente errado. O maniqueísmo é fruto de uma postura autocentrada, que percebe a realidade em termos absolutos. Ou seja, não se trata exatamente de desconhecer que para tudo há mais de um lado, mas muitas vezes de desconhecer a própria existência de “lados”. A partir dessa visão absoluta, constroem-se oposições absolutas em que é possível apenas ser totalmente “dentro”, “alinhado”, “bom” ou totalmente “fora”, “ruim”.

O maniqueísmo desumaniza o opositor e a nós mesmos. Se o opositor está sempre do lado do mal ele não merece nosso respeito. E se nós estamos sempre certos, então somos santos e pessoas que sabem tudo, e não seres humanos com suas limitações e erros.

O maniqueísta é intolerante. Ele não julga, condena. O maniqueísmo vive numa camisa de força mental que não permite aprender com seus próprios erros e com os acertos dos outros. A realidade é complexa, e exige sensibilidade frente a cada situação e a capacidade de discernir a partir dos fatos. Se observamos uma situação de conflito na qual pessoas discutem e se culpam mutuamente, descobrimos que na maioria dos casos ambos os lados são responsáveis, ainda que um possa ser mais que o outro.

O maniqueísta transforma o adversário em inimigo, alguém que não pode fazer nada de bom. Um adversário é alguém de quem você discorda, mas isso não quer dizer que a pessoa

seja um monstro. O maniqueísmo, junto com o viés da confirmação, reforça a polarização e a visão daqueles que não gostamos como de “inimigos”, pessoas inteiramente condenáveis, das quais não se pode esperar nada de bom.

Como para o maniqueísta quem discorda dele é uma pessoa ruim, tudo o que o outro faz está a serviço do mal, portanto usará sub-

terfúgios para enganar as pessoas inocentes, ingênuas e boas.

Na história, o maniqueísmo levou a perseguições e massacres. Ele justifica maltratar e destruir aqueles que discordam, pois são identificados com o mal. Ele é o alimento de visões *conspiratórias*. O que é uma visão conspiratória? A chamada visão conspiratória da História tem geralmente um objetivo político. Ela agrupa informações, algumas fantasiadas e outras deturpadas ou pinçadas da realidade complexa, para culpar um grupo por todos os males que afligem a sociedade. Ela sobredimensiona o poder de uns, e posiciona o restante da população como uma vítima passiva, sem responsabilidade nem capacidade de influenciar seu destino. Em outros casos, a visão conspiratória é usada para desviar a atenção dos fatos. Por exemplo, quando se denuncia um crime, a visão conspiratória desvia o foco para as razões do denunciante, no lugar de analisar se o crime foi realizado.

**O MANIQUEÍSTA
TRANSFORMA O ADVERSÁRIO
EM UM INIMIGO QUE NÃO
PODE FAZER NADA DE BOM**

Assim, no lugar de enfrentar problemas complexos, pessoais e sociais, transfere-se a responsabilidade a um grupo externo, o qual bastaria se eliminar para que todo mundo fosse feliz. Teorias da conspiração mais populares:

- “*O inimigo externo*” - figuras externas que desejariam fazer algum mal a uma comunidade à qual não pertencem;
- “*O inimigo interno*” - figuras internas à comunidade que usariam subterfúgios para fazer o mal;
- O “*manipulador da informação*” - geralmente jornalistas que denunciam desmanes, mas que na realidade o fariam a serviço de uma agenda inconfessa.

O PRINCÍPIO DA DÚVIDA, ESSENCIAL PARA O PENSAMENTO CRÍTICO, NÃO DEVE SER CONFUNDIDO COM VISÕES CONSPIRATÓRIAS

O princípio da dúvida, essencial para o pensamento crítico, não deve ser confundido com visões conspiratórias, pois o que ele faz é questionar, exercer o ceticismo, procurar novas informações comprováveis e explicações alternativas de realidade.

A dúvida crítica e produtiva é aquela que impulsiona a busca por diferentes fontes de dados, por provas concretas e públicas, e por mudar de ideia diante de novas informações.

Ou seja, enquanto a teoria da conspiração oferece uma narrativa fechada, dogmática, o pensamento crítico estimula a procura por explicações fundadas em fatos e sem preconceitos.

VALOR FORMATIVO

O maniqueísmo é inimigo da vida, que é complexa e inclui valores e sentimentos contraditórios, e da necessidade de se assumir a responsabilidade sobre o próprio destino e o bem comum. O maniqueísmo paralisa nossa capacidade de reflexão, pois define a priori que o lado oposto é sempre ruim e que nosso lado sempre é o bom. O maniqueísta, portanto, só enxergará aquilo que confirma seu prejulgamento e ignorará qualquer informação que os desmente.

Esse tipo de raciocínio “*tudo ou nada*” – no qual meu lado é maravilhoso e o do outro é maligno – chama-se pensamento dicotômico e contribui para agressividade e polarização. Isso pode se manifestar das mais diversas maneiras na vida de alguém:

- Preconceito e exclusão, ao considerar que um grupo é “inimigo” e colocar todos desse grupo em uma categoria rígida composta apenas de características negativas; Perda de criatividade e flexibilidade, pois ao pensar a si mesmo como alguém que faz “isto” e não “aquilo” perde-se a chance de entender formas diferentes de agir, e perda da capacidade de enxergar novas oportunidades para si;
- Dificuldade de relacionamentos, porque o pensamento dicotômico varia entre idealizar e desvalorizar os outros. Pensar apenas com conceitos extremos, como “maravilhoso x horrível” ou “santo x monstruoso” afeta todo tipo de relação – familiar, de amizade, romântica – através de ciclos intensos de proximidade e afastamento, de sentimentos extremos de amor ou repulsa.

Por isso, trabalhar para desconstruir o pensamento dicotômico e evitar cair na armadilha do viés maniqueísta contribui para a formação de um pensamento reflexivo, imune à manipulação de mensagens de ódio, aberto à convivência e respeitoso de opiniões diferentes.

Conselhos

É possível guiar os jovens para que, em conversas cotidianas, eles aumentem e raciocinem contrapontos sem transformar o adversário em inimigo, o diferente em maligno.

Por exemplo:

Adotar o uso de frases como “vamos concordar em discordar” ou “não concordo, mas vou pensar a respeito” podem ser maneiras equilibradas de encerrar uma discussão após ambas as partes terem exposto seus argumentos. Em vez de partir de um ponto de querer convencer o outro a compartilhar a mesma posição que você, aproveite o debate para compreender como é possível pensar de maneiras diferentes sobre uma mesma situação. Evite usar termos extremos. Experimente expor sua posição calma e ordenadamente, sem demonizar quem discorda dela.

As pessoas geralmente entram em um debate para ganhar. Quando se desloca a premissa inicial da conversa para um desejo de se conectar e conseguir trocar com o outro lado, é interessante também mudar as estratégias de debate. Quando usamos apenas dados e estatísticas para provar nossos pontos – ainda que esses dois recursos sejam fundamentais para embasar nossas posições – é fácil esquecer que os números representam pessoas reais. Desse modo, frequentemente os debates se tornam abstratos. Uma alternativa é começar as conversas em registro narrativo, compartilhando relatos de pessoas reais. Antes de contra-argumentar, o outro vai ouvir a sua história – e você vai ouvir a dele. Antes de você ou o outro ganhar ou perder, estarão estabelecendo uma conexão.

- Pergunte-se: quando você entra em uma conversa acerca de um assunto sobre o qual você tem uma posição diferente do outro, você ouve os argumentos do interlocutor e pensa a respeito, ou apenas contrapõe com a sua opinião?
- Continue a perguntar: quando seus filhos conversam com amigos, como eles se comportam quando as opiniões são diferentes? É importante destacar que durante o período da adolescência, as opiniões serão sempre muito apaixonadas e dialogar com eles, mostrando que nem tudo é preto ou branco, é a melhor maneira de mostrar que em alguns assuntos, é possível encontrar o caminho do meio, os tons de cinza.
- Como você, familiar, pode formar a sua criança ou o seu adolescente para aprender a expor seus argumentos e opiniões de maneira qualificada e respeitosa? Ou seja, evitando adjetivos categóricos e extremos e desenvolvendo seus pensamentos com clareza?

Experimente conversar com sua criança sobre qualquer coisa que seja sem usar “amo” ou “odeio”. Incentive-a a descrever e explicar o que ela “ama” ou “odeia” sem usar essas duas palavras. Por que “ama” tal coisa? Tem algo em tal coisa, situação ou pessoa que ela não gosta? Por exemplo, se a criança fala que “a escola é chata”. Tudo na escola é chato? Tem alguma coisa na escola que você gosta? É na escola que você encontra seus colegas, você gosta de encontrar com eles? “. Ou então,

peça para sua criança falar sobre o que gosta e o que não gosta de determinado lugar, passeio ou celebridade. Trata-se de um exercício de acinzentamento: desse modo, aprendem a reconhecer que nem tudo é totalmente bom OU ruim, mas que muitas coisas podem ser boas e ruins ao mesmo tempo, em diferentes aspectos. Esse tipo de exercício de conversa pode ser incorporado no cotidiano e contribui para o desenvolvimento do vocabulário e da capacidade de argumentação da criança.

- Como formar um jovem para ter uma escuta ativa?
Peça para sua criança escutar com cuidado quem está conversando com ela. Incentive que ela tente resumir o que o outro disse em voz alta para checar se entendeu corretamente. Encoraje-a a fazer mais perguntas, exercendo sua curiosidade. E solicite que ela espere o outro terminar de falar antes de pensar em uma resposta. Não interrompa. Linguagem corporal também faz parte da escuta ativa, por exemplo: mantendo contato visual, evitando expressões faciais que possam ser desrespeitosas (como revirar os olhos) e acenando com a cabeça quando entender.
- Ajude a criança a discordar sem ser agressiva. É comum que, quando somos contrariados, nossa reação seja defensiva. Isso é bastante evidente em crianças e jovens, que tendem a ter menos autocontrole. Como fazer isso? As frases “vamos concordar em discordar” ou “não concordo, mas vou pensar a respeito” podem ser maneiras

equilibradas de encerrar uma discussão após ambas as partes terem exposto seus argumentos. Em vez de partir de um ponto de querer convencer o outro a compartilhar a mesma posição que você, o debate ou discussão pode ser uma oportunidade para compreender como é possível pensar de maneiras diferentes sobre uma mesma situação. Evite se exaltar, xingar, usar termos extremos. Experimente expor sua posição calma e ordenadamente, sem demonizar quem discorda dela. Lembrando aqui de não confundir opinião com atitudes preconceituosas.

- O **respeito ao outro** é o valor mais importante para que nossos filhos aprendam a respeitar a opinião do outro, assim como a conviver com o diferente.

PARA ASSISTIR EM FAMÍLIA

“DISTRITO 9” (2009) +14

ATYPICAL (2020) +12

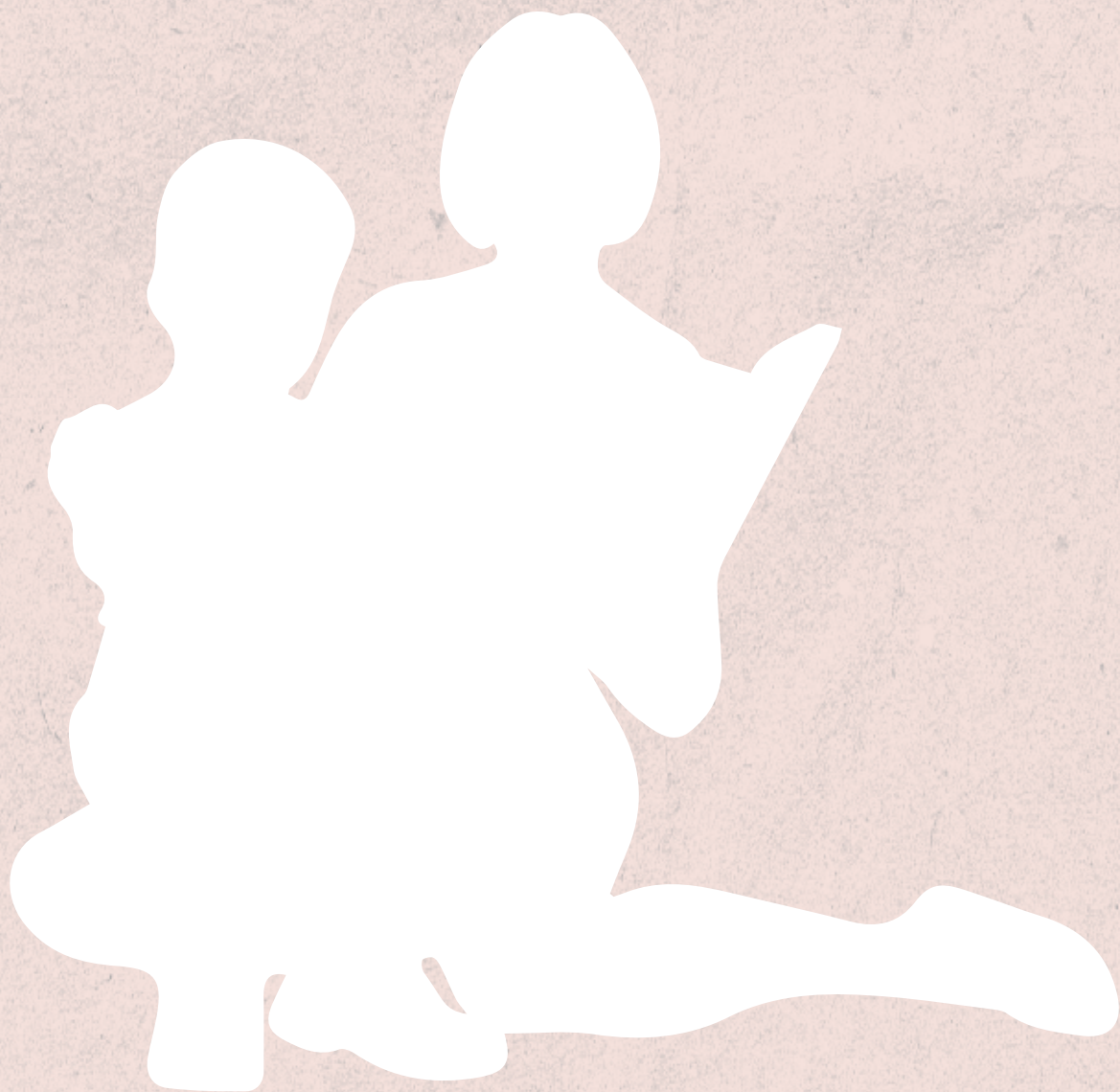
O JOVEM AHMED (2020) +12

“A ONDA” (2008) +16

TOLERÂNCIA ZERO (2001) +14

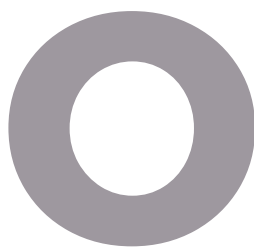
A LISTA DE SCHINDLER
(1993) +14

**SELMA: UMA LUTA PELA
IGUALDADE** (2014) +14





7. A PRIVACIDADE COMO VALOR



s jovens de hoje nasceram em um mundo digital. Geralmente sua estreia nas redes sociais começa quando os pais compartilham fotos do ultrassom, do nascimento, ou de seus primeiros passos. Ou seja, antes mesmo de saberem falar, sua imagem e vida particular já circularam por redes sociais e foram armazenadas em depósitos de dados da internet. Além disso, é cada vez mais comum que crianças façam uso do celular dos pais desde pequenas, e que adquiram seu próprio aparelho ainda na infância, o que quer dizer que as inteligências artificiais e algoritmos informados por bancos de dados de usuários começam a armazenar informações sobre seu comportamento *on-line* desde cedo. Como resultado, suas noções de privacidade são bastante diferentes das que tinham as gerações anteriores, e a maneira que navegam *on-line* é diretamente influenciada por isso.

Entretanto, ser um nativo digital é diferente de saber participar do mundo digital com segurança. Mesmo que os jovens dominem o uso das tecnologias e plataformas sociais mais recentes, precisam ter conhecimento e senso crítico para navegarem com segurança e responsabilidade, protegendo a própria privacidade, distinguindo público do privado e processando as informações que chegam até eles com cautela. As redes sociais se transformaram em um espaço em que o privado e o público se misturam, não havendo mais uma clara distinção

entre ambos. As próprias noções de público e privado podem estar desgastadas para descrever as novas comunicações estabelecidas nas redes sociais, na medida em que foram elaboradas em uma era em que o espaço ainda podia ser entendido em termos mais concretos, por exemplo: a casa como espaço privado e a rua como público. Hoje, pode-se fazer um

SER UM NATIVO DIGITAL É DIFERENTE DE SABER NAVEGAR ON-LINE COM SEGURANÇA

anúncio público de dentro de casa e trocar uma mensagem privada em silêncio no meio da rua. As noções tradicionais de espaço também foram embaralhadas

Essa indistinção entre público e privado acontece não somente na informação que circula na “linha de tempo” do perfil dos usuários do Facebook ou do Twitter, onde uma informação extremamente pessoal e íntima é seguida de uma opinião sobre temas de interesse público, como também afeta a própria comunicação postada, onde os argumentos sobre temas de interesse geral são feitos em nome de experiências pessoais ou expressados de forma mais emotiva do que argumentativa. Confusões acerca de questões de privacidade e segurança não afetam os jovens exclusivamente – adultos e idosos, que começaram a usar a internet e redes sociais em idade mais avançada, muitas vezes demonstram dificuldade de compreender como essas noções se desenvolvem nas redes. Por apresentar um desafio a todos, frequentemente adultos têm dificuldade em orientar os jovens acerca destas questões.

A privacidade é um direito que precede e vai muito além da internet e das redes sociais: adolescentes são, muitas vezes, especialmente sensíveis no que diz respeito à sua vida particular diante de sua família ou de seus professores. Porém, a arquitetura de coleta de informações da internet (big data) e os históricos de postagens nas redes sociais apresentam desafios específicos e urgentes para a sua preservação.

A internet representa o fim de uma cultura milenar que fazia uma distinção clara entre comunicação oral e comunicação escrita. A comunicação falada em âmbitos informais era contextual e dirigida às pessoas presentes, com um forte componente de espontaneidade. Nela, os participantes da conversa expressavam suas opiniões não apenas por meio de palavras, mas também pelo tom de voz e por gestos físicos; estavam visualmente atentos e conectados às emoções que suscitam em seus ouvintes. Da palavra falada nada ficava, a não ser nas lembranças das pessoas presentes.

A comunicação escrita tradicional, pelo contrário, em geral é refletida e elaborada de maneira demorada. A ausência do interlocutor é compensada pela consideração do impacto do texto no leitor. As redes sociais erodiram as fronteiras entre ambas, gerando uma nova forma de comunicação: a “*fala escrita*”, em que prevalecem as mensagens curtas e rápidas. Diferentemente da “velha” comunicação escrita, ela não é refletida nem amadurecida, pois, em geral, é constituída por mensagens quase instantâneas, e suas réplicas são escritas sob a pressão da expectativa de uma resposta rápida. De outro lado, diferentemente da “velha” comunicação oral, ela não é matizada pela preocupação com a sensibilidade dos sentimentos do outro que a presença do interlocutor provoca.

As mensagens virtuais, embora circunstanciais, são perenizadas nos arquivos da rede. O sistema de direitos, os valores e a vida cotidiana das sociedades modernas foram construídos em torno da distinção entre o espaço público e o espaço privado. Apesar das fronteiras entre esses espaços nunca terem sido totalmente demarcadas, antes da popularização da internet, quando alguém falava ou escrevia para o “público”, havia maior clareza de que se tratava de um plano de comunicação diferenciado, que exigia cuidados distintos quando o discurso era direcionado a uma pessoa específica ou a um grupo particular de conhecidos no âmbito privado. Sabia-se que sua comunicação seria perenizada.

Essa separação foi derrubada. Um e-mail pessoal pode ser retransmitido para uma infinidade de indivíduos e, assim, se transformar em uma comunicação pública. Quando usamos as redes sociais, a ausência de distinção entre público e privado é radical: na mesma página e linha do tempo, podemos ler postagens de temas íntimos e, ao rolarmos a tela, debates sobre a situação política. A separação entre os espaços se tornou mais nebulosa e transformou a comunicação pública: ela pode adquirir os traços da comunicação privada, de modo que algumas cautelas antes tomadas no espaço público são deixadas de lado, e as reações ocorrem de maneira menos refletida.

A comunicação *on-line* produz, portanto, uma confusão entre o espaço privado e o público: as redes sociais são o local da exposição de si mesmo, no qual compartilhamos nossas informações e opiniões pessoais – como fotos, nome completo, e posts – como parte da nossa formação de identidade. Nesses lugares virtuais nos apresentamos diante de conhecidos e desconhecidos, mas à distância. Por vezes, como mencionamos acima, isso gera confusões entre a rede social como espaço público ou privado. É comum ver pessoas que comentam e assediam umas às outras expondo seu nome, por crer que a distância as protege das consequências de suas falas.

Por exemplo, pessoas que fazem comentários de cunho racista no Facebook podem ser denunciadas à polícia por racismo, mas muitas vezes elas comentam publicamente, expondo suas identidades, sem perceber que isso as deixa vulneráveis a denúncias criminais. Uma mensagem postada sobre uma festa particular, como fotos ou mensagens, por exemplo, indicando que foram usadas drogas ilícitas, fica guardada em bancos de dados, e posteriormente pode ser usada para negar um emprego ou uma vaga numa instituição.

COMO FUNCIONAM AS REDES SOCIAIS?

Muitos dos serviços oferecidos na internet são gratuitos. Redes sociais, serviços de e-mail, programas de edição de imagens, alguns jogos e uma infinidade de outras aplicações não cobram por seu uso. Ainda assim, é comum vermos notícias anunciando que “gigantes da tecnologia” foram vendidas por bilhões de dólares ou que compraram outras por somas fantásticas. Como essas empresas se financiam? Para entender como as redes sociais funcionam, é preciso compreender como elas se sustentam. A resposta está na publicidade. Mais do que isso: muitos serviços gratuitos que usamos diariamente na internet se financiam por meio da venda do que chamamos de publicidade direcionada, que só é possível porque eles guardam nos seus bancos de dados as preferências e gostos, a partir das mensagens postadas.

O desenvolvimento dessas novas tecnologias possibilitou uma sofisticação na publicidade, tornando-a cada vez mais bem direcionada. Devido à possibilidade de coletar e armazenar dados sobre quem navega em um *site*, ficou muito mais fácil conhecer o perfil do potencial consumidor. Os mecanismos de busca funcionam da mesma forma: quem digita querendo

saber sobre um produto ou endereço já está indicando seu tipo de interesse. Assim, conhecer a audiência ajuda muito na tarefa de atingir com o anúncio somente aqueles que podem se interessar por ele. A publicidade e a propaganda política direcionada são vendidas por terem uma eficiência muito maior.

Tudo isso só é possível a partir da coleta maciça de dados dos usuários e da formação de imensos bancos de dados com as mais variadas informações sobre a personalidade dessas pessoas. Em outras palavras, os serviços oferecidos pelas empresas de tecnologia se sustentam com as informações oferecidas pelos usuários. Mediante um complexo modelo de negócio

**MEDIANTE UM COMPLEXO
MODELO DE NEGÓCIO
BASEADO EM PUBLICIDADE
DIRECIONADA, OS DADOS
DOS USUÁRIOS SÃO
O PRINCIPAL PRODUTO
DE REDES QUE
VENDEM INFORMAÇÃO
E DESINFORMAÇÃO**

baseado em publicidade direcionada, os dados dos usuários são o principal produto que elas controlam e oferecem comercialmente. Eles conhecem nossos gostos e preferências e a publicidade direcionada trabalha em cima deles.

A luta pela atenção dos usuários passou a ser um foco central das empresas de internet, sejam elas redes sociais, plataformas de busca, comércio virtual ou portais de conteúdo; quanto maior o tempo gasto utilizando os serviços, maior a quantidade de informação coletada e, portanto, mais direcionada poderá ser a publicidade. A gigantesca disponibilidade de informação e entretenimento presentes nas redes vem fazendo com que plataformas de internet se coloquem rapidamente como as mídias nas quais mais se investe em publicidade.

VALOR FORMATIVO

A privacidade é um direito básico, pois é o fundamento da liberdade, da autonomia e da dignidade humana. A privacidade nos permite desenvolver limites entre o que queremos ou não compartilhar, nos dá o espaço para definir de que maneiras queremos nos relacionar com o mundo ao nosso redor. Relações de coleguismo, amizade, familiaridade, todas possuem diferentes graus de privacidade e compartilhamento, e para equilibrar essas relações é preciso ter conhecimento sobre privacidade, o que temos direito e como queremos manter os outros fora ou convidá-los a entrar. Valorizar e proteger nossa privacidade é importante para desenvolver sentimentos de autocontrole, bem-estar e autonomia.

Conselhos

- **Como você protege a sua privacidade on-line? Já pensou que o que você compartilha da sua vida pode acabar expondo suas crianças? Você preserva a privacidade de seus filhos na rede?**

Proteja a privacidade de sua família: deixe o seu perfil privado e oriente crianças e jovens a terem perfis privados, sem adicionar ou se deixar ser seguido por desconhecidos.

- **Você já criou perfis em nome dos seus filhos? Você costuma postar fotos e vídeos dos seus filhos?**

Você já parou para pensar até onde vai o nosso direito em expor a privacidade das crianças? Onde começa o direito dos jovens de não quererem ser expostos pelos familiares? A partir de qual idade passam a ter direito à própria privacidade? Aquilo que consideramos “bonitinho”, os pequenos podem considerar constrangedor, e ainda pode ser usado para a prática de *bullying* contra eles. Não seja o vilão. Respeite a privacidade, a individualidade e a intimidade dos seus filhos. Pense bem antes de postar imagens em que eles apareçam.

Lembre-se que o contexto familiar é privado. Além disso, a foto dos seus filhos nus ou seminus, tomando banho ou brincando na praia, pode ser algo inocente para você, mas essa mesma foto pode ser usada por redes de pedofilia para exploração sexual comercial.

Dessa forma, evite compartilhar fotos onde seus filhos aparecem com pouca roupa.

- **Você costuma postar mensagens nas redes sociais dos seus filhos?**

Aquilo que é privado, típico da relação familiar, não precisa ser postado nos perfis dos seus filhos. Procure respeitar a privacidade, a individualidade e a intimidade deles. A criança deve ter o direito de não querer ser exposta e de construir ela própria o seu espaço na Internet, de acordo com o amadurecimento da sua personalidade e da educação sobre o uso das tecnologias. Evite postar mensagens chamando-os por apelidos usados somente entre vocês ou tratando-os de forma infantil. Não dê broncas e nem os repreenda por meio das redes sociais. Converse antes sobre a publicação de alguma foto ou conteúdo familiar. Lembre-se que a Internet é um lugar público.

- Conversem sobre questões de privacidade *on-line* com exemplos concretos da vida *off-line*: os jovens provavelmente sabem que não devem dizer o endereço de casa para qualquer estranho na rua que perguntar. Tampouco mostrariam as fotos do fim de semana para as outras pessoas na fila da padaria. Na internet, devem tomar um cuidado parecido.
É comum que o primeiro incômodo de privacidade dos adolescentes seja com familiares ou professores “invadindo” suas vidas privadas. A partir desse sentimento, é possível extrapolar a importância da privacidade para desconhecidos na internet.
Nas interações em redes sociais, as violações de privacidade parecem menos tangíveis, menos concretas. O papel do familiar aqui é fundamental, para mediar, aconselhar, orientar, em um diálogo constante, sobre o uso responsável das redes. O objetivo é garantir que as crianças e jovens saibam usar essas redes sem se colocar em risco, sem arriscar a própria privacidade e intimidade. Lembrando que vigilância e proibição de uso não substituem a conversa.
- Aquilo que é divulgado na Internet pode se espalhar rapidamente, “viralizar” e dificilmente você conseguirá apagar depois. Fotos e vídeos dos seus filhos poderão estar disponíveis mesmo quando eles já forem adultos.
- A divulgação de informações pessoais sobre seus filhos pode comprometer a privacidade deles, assim como eles podem postar informações que comprometam a privacidade da família e dos amigos.
- Seus filhos podem ser vítimas de *cyberbullying* ou acusados de tal prática, caso postem, curtam ou compartilhem fotos, vídeos e mensagens difamando e humilhando os colegas na Internet. Oriente suas crianças para não postar, curtir ou compartilhar conteúdos humilhantes.
- Ajude seus filhos a manter os equipamentos seguros, com todas as atualizações aplicadas e os aplicativos com as versões mais recentes. Instale mecanismos de segurança, como antivírus e *firewall* pessoal.
- Observe o comportamento dos seus filhos. Atitudes como fechar aplicativos, bloquear o equipamento e ficar nervoso quando alguém se aproxima podem indicar que há algo errado.
- Oriente os jovens a seguirem regras gerais para uso de redes sociais:
 1. Somente adicionar pessoas que conhecem pessoalmente;
 2. Lembre que tudo o que você compartilhar na rede, mesmo em espaços “privados”, pode ser visto por pessoas que você não quer que vejam – por isso, evite publicar conteúdo

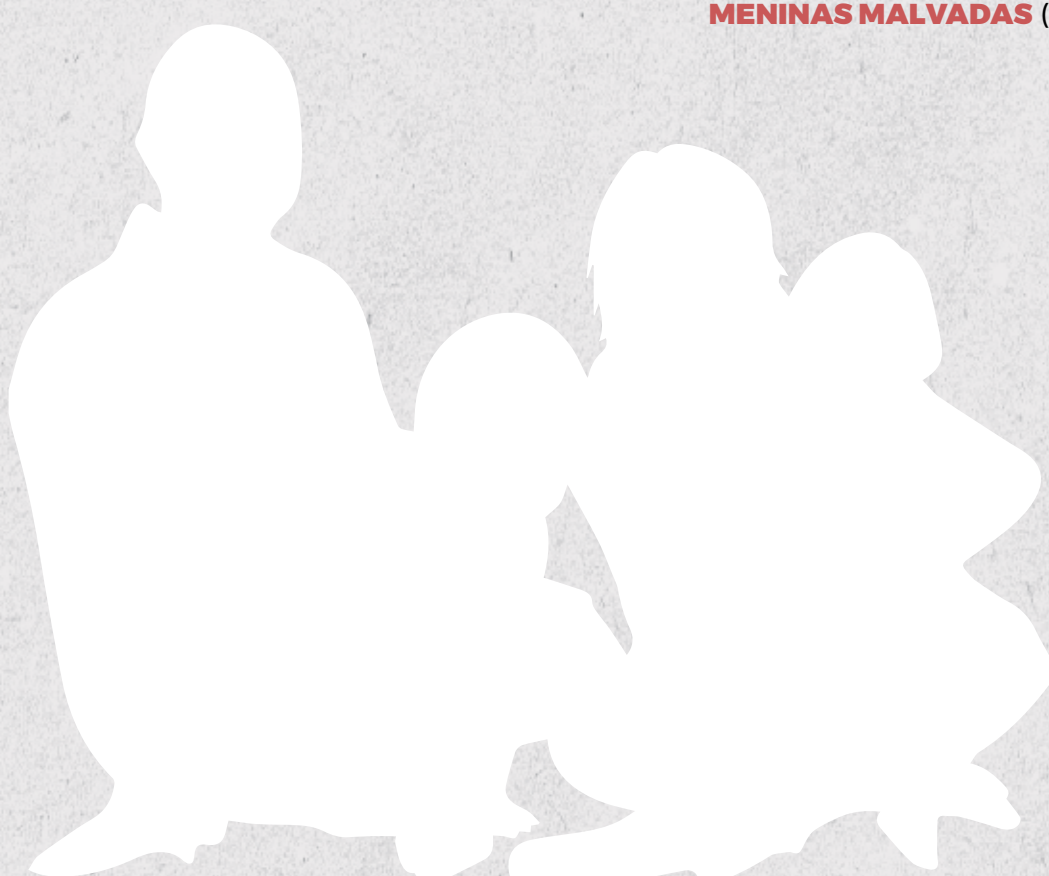
- que você não gostaria que seus familiares e professores vissem;
3. Não compartilhe imagens de outras pessoas sem perguntar para elas antes se tudo bem;
 4. Antes de postar algo, pense: alguém poderia me prejudicar com base nisso? Eu estaria machucando ou prejudicando alguém com essa postagem? Qual o pior que poderia acontecer?
 5. Não compartilhe informações pessoais nas redes sociais, como: endereço, nome da escola, dia em que a família viajará, etc.
 6. Escolha senhas fortes e não compartilhe com outras pessoas.
- Todo mundo faz escolhas ruins em algum momento. Se sua criança se arrepender de ter postado alguma coisa ou se estiver infeliz com alguma coisa sua que postaram, seja acolhedor, converse, busque ajudá-la a apagar ou tirar o conteúdo de circulação. Diálogo aberto e confiança são fundamentais.

RECURSOS ON-LINE

safernet.org.br/site/sites/default/files/cartilha-site.pdf
internetsegura.br/cartilha.cert.br

PARA ASSISTIR EM FAMÍLIA

O SHOW DE TRUMAN (1998)
CYBERBULLY (2015)
MENINAS MALVADAS (2004)



Dados e contextos de uso das tecnologias

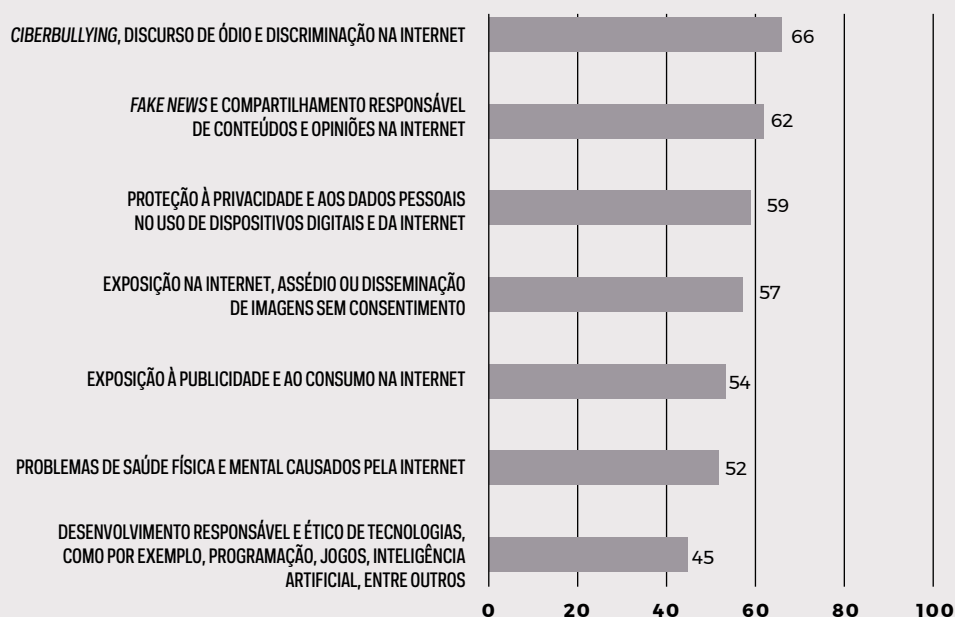
COMO AS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA APOIAM OS ALUNOS NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DIGITAIS NO BRASIL ?

TEMAS DE ATIVIDADES PARA OS ALUNOS SOBRE O USO SEGURO, RESPONSÁVEL E CRÍTICO DA INTERNET PREVISTOS NO CURRÍCULO
Total de escolas (%) (2020)

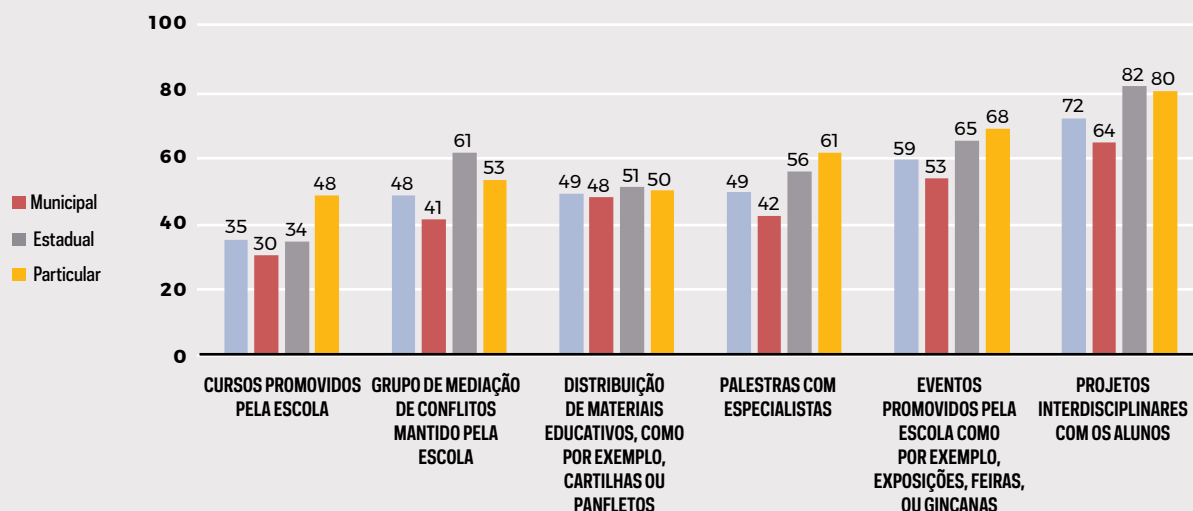


81%

dos gestores escolares afirmaram que ao menos um dos temas estava presente no currículo da escola



TIPOS DE ATIVIDADES PARA OS ALUNOS SOBRE O USO SEGURO, RESPONSÁVEL E CRÍTICO DA INTERNET PREVISTOS NO CURRÍCULO
Total de escolas (%) (2020)





8. INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO NAS REDES

A

informação disponível na internet é enorme, assim como a quantidade de mensagens que recebemos. Neste universo de informação, devemos desenvolver a capacidade de distinguir e avaliar a qualidade da informação recebida.

Na realidade, toda informação que recebemos, como analisamos nos capítulos anteriores, deve ser avaliada. No que se refere à informação cotidiana, do que acontece fora de nosso entorno, dependemos dos meios de comunicação, como jornais, revistas, rádio e televisão. Estes veículos de informação às vezes podem errar, favorecer um tipo de informação ou análise em relação a outras. Sempre devemos estar atentos ao que lemos e procurar refletir sobre qualquer informação que recebemos.

Uma das muitas mudanças que a internet trouxe diz respeito, justamente, à erosão dos veículos tradicionais de notícias. Como na época da invenção da prensa de Gutemberg, a internet através de *blogs*, redes sociais, *sites* pessoais e fóruns permitiu uma explosão de produção de conteúdo, em uma democratização inédita de produção e recepção de informações. Isso, combinado a uma percepção cada vez maior sobre os diferentes vieses presentes no jornalismo tradicional – ou seja, a compreensão de que não existe uma neutralidade de ponto de vista, mas sim que cada veículo tem uma linha editorial – contribuiu para uma perda de confiança por parte da população na mídia tradicional.

Com a internet, passou a ser possível informar-se a partir de fontes alternativas, desde jornalistas independentes até mensagens transmitidas em redes sociais. A informação passou a circular de maneira mais livre e imprevisível, essa característica apresenta consequências positivas e negativas para o convívio democrático. Neste universo de informações, facilmente se perde a noção da qualidade da informação recebida, desaparecendo as fronteiras entre as notícias disseminadas por jornalistas e pela imprensa institucionalizada e opiniões pessoais ou de produtores de *fake news*, que visam a desinformação.

Apesar de suas eventuais limitações, o jornalismo profissional tem uma responsabilidade legal pelas notícias que transmite. Uma notícia transmitida pelos meios de comunicação tem data e menciona as fontes de informação. Ela é diferente das mensagens, *sites* e *blogs* presentes na internet, muitos deles anônimos ou com perfis falsos que enviam as mais diversas men-

sagens, sem fundamento científico ou sem indicar fontes de informação ou indicando fontes não fidedignas.

Entre as mensagens que circulam na internet que são particularmente prejudiciais para a convivência e a construção de uma sociedade democrática estão as chamadas *fake news*, ou notícias falsas. A característica das

NOTÍCIAS FALSAS SÃO UM ESFORÇO SISTEMÁTICO PARA DESINFORMAR/ INTOXICAR A POPULAÇÃO

notícias falsas é que elas são um esforço sistemático para desinformar/intoxicar a população, que procuram desvincular o cidadão dos veículos profissionais de informação, tanto na sua produção quanto na sua difusão. Por que esse esforço de desinformar/intoxicar a população? Porque as *fake news* respondem a projetos políticos autoritários, que fomentam o ódio e o preconceito contra os mais diversos grupos (mulheres, homossexuais, negros, indígenas, organizações da sociedade civil, imigrantes). Aqueles que produzem e disseminam *fake news* não

respeitam o pluralismo de opiniões nem propõem o debate de ideias. O objetivo é demonizar os que discordam e levar a uma polarização destrutiva da sociedade. Em uma sociedade polarizada, na qual o opositor, ou seja, alguém que pensa diferente, passa a ser considerado um inimigo, as pessoas deixam de pensar e se alinham automaticamente a uma ou outra posição.

As notícias falsas, sob o manto de transmitir informação, na realidade mobilizam sentimentos de ódio e de medo. As informações que elas contêm se dirigem aos nossos preconceitos, paralisando nossa capacidade reflexiva, que nos leva a disseminá-las sem conferir sua veracidade.

Mesmo que a mensagem ofensiva não tenha sido escrita por nós, se a compartilhamos somos responsáveis pelo sofrimento que ela pode causar. O compartilhamento de material nas redes por vezes pode dar uma ilusão de passividade, ou de que não se é responsável pelo conteúdo compartilhado. Mas, depois que divulgamos uma mensagem que maltrata o outro, não é possível voltar atrás.

As notícias falsas são uma forma de propaganda política que procura destruir a convivência democrática. Elas antecedem a internet, mas o mundo virtual é particularmente favorável à sua disseminação.

O acesso a bancos de dados com informações pessoais sobre preferências permite a construção de perfis psicossociais que identificam afinidades, preconceitos e temores; robôs – que têm custo e, portanto, são financiados por pessoas que não se identificam – enviam mensagens e conseguem ser cada vez mais capazes de interagir com (e como) humanos; e até mesmo sofisticados programas permitem falsificar imagens e falas.

As novas tecnologias permitem o anonimato, e, portanto, a não responsabilização legal dos produtores de mensagens, de forma que o sensacionalismo, a descontextualização, o exagero, a mentira, a deturpação dos fatos, a ofensa, o preconceito e a disseminação de sentimentos de medo, caos e desordem generalizada passaram a ocupar um lugar central na propaganda política, orientada por técnicas de guerra psicológica e capazes de atingir cirurgicamente cada tipo de audiência.

A viralização nos grupos pequenos e privados, por exemplo, é extremamente potente, pois chega a todos os membros do grupo com uma aura de confiança e num espaço no qual o conteúdo que chega vem com muito mais chance de ser lido ou engajado pelos interlocutores. Ela funciona como um processo de “infiltração”. Grupos virtuais de amigos, família, hobbies, e afinidades mais variadas – da profissão ao time de futebol –, sofrem esta “infiltração” de notícias externas à razão de existência do grupo.

GUIA DE COMO CONFRONTAR AS NOTÍCIAS FALSAS, PARA ORIENTAR OS JOVENS:

- Desconfie das informações que confirmam sua visão de mundo. Essa é a recomendação mais importante e a mais difícil de seguir. Em geral, desconfiamos e, inclusive, não acreditamos quando recebemos informações que questionam nossas crenças, e aceitamos muito facilmente tudo aquilo que respalda o que pensamos. As informações falsas e manipuladas são produzidas levando em consideração nossos preconceitos;
- Não divulgue uma informação se não tem certeza de que é verdadeira. Temos a tendência de compartilhar imediatamente informações ou imagens que nos agradam. Pense duas vezes antes de fazê-lo. Você poderá estar participando da disseminação de informações falsas. Resista ao *“vou repassar por via das dúvidas, vai que é verdade”*;
- Saiba que, se a informação é importante, urgente e fundamentada, em poucos minutos estará em vários veículos. Se isso não ocorreu, desconfie. O mercado de notícias tem muitos atores e é muito competitivo. Mesmo havendo orientações editoriais diferentes que interpretam de maneiras distintas o mesmo fato, nenhuma notícia importante deixaria de ser noticiada pela maioria dos veículos;
- Lembre que devem constar da notícia pelo menos a data e o autor, além das fontes das informações que veicula. A autenticidade da autoria e das informações veiculadas, isto

é, se elas provêm efetivamente das fontes mencionadas, pode ser conferida copiando-se parte do texto da matéria e colando-o em um mecanismo de pesquisa;

- Conheça o histórico dos veículos. Essa é uma recomendação muito difícil de ser seguida pelo leitor eventual, mas faz parte da educação para a cidadania ir, aos poucos, acompanhando o mercado de notícias e formando opinião sobre quais veículos praticam um jornalismo mais sério e cuidadoso;
- Verifique o nome dos *sites*. Muitos *sites* que produzem informação “de combate” e de baixa qualidade jornalística têm nomes parecidos com os de jornais sérios e foram feitos para confundir;
- Confira as datas. Muitas vezes informações factuais, mas antigas, voltam a circular sem que as pessoas se deem conta de que dizem respeito a outro momento e outro contexto. Uma informação antiga verdadeira (por exemplo, uma manchete que diga que “o desemprego dispara”), se tomada em outro momento, pode ser completamente falsa;
- Confira a relação da manchete com o texto das matérias que você lê na internet. Muitas manchetes “sensacionalistas” atraem a atenção, mas têm pouca ou nenhuma relação com o conteúdo da matéria ou link indicado na mensagem.

Rumores que passam de indivíduo a indivíduo e têm origem indefinida sempre cumpriram um papel na comunicação política. A produção e a disseminação de boatos e rumores para confundir e desinformar remontam a tempos imemoriais aparecendo, inclusive, em antigos textos de estratégia militar.

Nas sociedades democráticas modernas, o jornalismo criou um sistema de produção de informação pública especializada, transmitida por veículos de comunicação (como a imprensa escrita, o rádio e a televisão). Esses meios, embora pudessem ser criticados por responder a agendas de seus proprietários, permitiram o desenvolvimento de profissionais especializados – os jornalistas –, que passaram a responder a uma ética profissional. Tanto jornalistas como proprietários de meios de comunicação podem ser responsabilizados pela informação publicada. A mesma internet que expandiu as possibilidades dos indivíduos de participarem do espaço público também facilitou a profusão de mensagens anônimas, geralmente transmitidas com finalidades invisíveis aos olhos dos receptores. Identidades falsas e pseudônimos geram consequências para o debate público, pois podem ser utilizados para manipular o debate – o anonimato torna ainda mais difícil a responsabilização daqueles que desinformam.

Há muitos que assumem identidades falsas nas redes para disseminar notícias falsas, sendo, na prática, anônimos. Às vezes, inclusive, podem ser “robôs”, ou seja, programas automatizados que geram postagens como se fossem pessoas. Esses perfis, anônimos e automatizados, muitas vezes são atores-chave na disseminação de boatos e informações falsas em redes como o WhatsApp, o Facebook, o Twitter, o Instagram e o TikTok. Não é simples distinguir entre pessoas, *fakes* e *bots* se

interagimos com desconhecidos *on-line*. Esse é um desafio das interações digitais, pois no *face* a *face* dificilmente interagimos com pessoas sob falsa identidade ou com robôs.

A Internet permitiu, ainda, a disseminação de ideias políticas por meio de redes sociais gratuitas, levando certos agentes políticos a agirem com o objetivo de “viralizar” informações (seja na forma de textos, vídeos, imagens ou memes) mediante a divulgação de ideias que confirmam os preconceitos (viés de atribuição) e preferências de seus interlocutores. Muitos desses, por sua vez, compartilham a informação de imediato, sem conferir sua veracidade, justamente porque o conteúdo lhes agrada (viés de confirmação). Na era digital, a divulgação de notícias falsas depende tanto de seus produtores como da disposição dos usuários para transmiti-las.

AS NOTÍCIAS FALSAS SÃO UMA FORMA DE PROPAGANDA POLÍTICA QUE PROCURA DESTRUIR A CONVIVÊNCIA DEMOCRÁTICA

VALOR FORMATIVO

Notícias falsas disseminam medos e crenças sem fundamentos que podem:

- Provocar comportamentos irresponsáveis – por exemplo, uma notícia falsa que alega que fazer gargarejo com água sanitária cura uma doença incentiva pessoas a adotarem comportamentos que colocam sua saúde em risco;
- Destruir a reputação de alguém injustamente – por exemplo, uma notícia falsa que acusa alguém de ter roubado sem nenhuma prova pode levar alguém a ser demitido;
- Gerar medo na população – por exemplo, uma notícia falsa que alegue que um outro país vai atacar pode espalhar pânico generalizado;
- Passar a perna em gente inocente – por exemplo, uma notícia falsa de que alguém precisa de ajuda financeira pedindo doações pode ser um golpe que prejudica pessoas generosas, que depois podem ficar indispostas a ajudar alguém que de fato esteja precisando.

Ou seja, notícias falsas criam e aprofundam divisões sociais, desperdiçam recursos públicos, geram transtornos emocionais, isso tudo sem comprovação ou base na realidade.

Saber discernir o que é uma notícia verdadeira ou falsa o protege a nível pessoal de desenvolver medos, julgamentos ou crenças sem fundamento na verdade, e o equipa a nível social para ajudar a combater e minimizar o efeito danoso das notícias falsas.

Conselhos

- **Como você reage quando recebe uma informação falsa? Você consegue perceber quando recebe informações falsas pelas suas redes de contato?**
- É comum ensinar aos jovens que, ao presenciar uma injustiça, não devem ficar apenas observando, mas intervir positivamente para corrigi-la. Em geral isso se aplica às situações de *bullying* na escola, mas o mesmo princípio pode e deve ser aplicado à disseminação de notícias falsas. **Combater desinformação é um exercício de cidadania.**

Familiares podem orientar os jovens a como lidar com a desinformação que veem *on-line*, mostrando atitudes concretas que podem tomar para combaterem notícias falsas.

1. Denunciar a notícia para a plataforma em que foi publicada;
 2. Mandar uma mensagem direta para a pessoa que postou explicando que se trata de uma notícia falsa e sugerindo que a pessoa remova a postagem ou faça a correção publicamente;
 3. Escrever nos comentários ou responder a postagem com uma correção publicamente; apontando que se trata de uma notícia falsa, embasando sua afirmação com links confiáveis que comprovem a falsidade do conteúdo.
- Converse com seus filhos sobre as notícias. Os familiares são vistos como referências de fontes confiáveis de conhecimento.

Ter o hábito de ler notícias juntos ou de conversar sobre as notícias contribui para que jovens tenham um maior entendimento das informações às quais são expostos.

- Utilize os recursos de controle parental na rede, mas lembre-se que eles somente oferecem proteção adicional e não substituem o diálogo.
- Ao navegar na Internet seus filhos podem ter acesso a conteúdos impróprios, falsos, incompletos ou ofensivos, como boatos e correntes. Filtrar essas informações exige senso crítico e as crianças de hoje precisam estar preparadas para lidar com isso. Assim como você ensina seus filhos a olhar para os dois lados antes de atravessar a rua, também precisa ensiná-los a usar a Internet com segurança e responsabilidade. Como fazer isso?

Quanto mais você estiver preparado para lidar com a desinformação, melhor você vai orientar seus filhos a fazerem isso. Lembre-se, o adulto é você e, para a sua criança, você é a primeira autoridade de conhecimento. Portanto, para protegermos nossos pequenos da desinformação, precisamos nós mesmos aprender a identificar e nos proteger de informações falsas.

RECURSOS ON-LINE

SOBREVIVENDO NAS REDES: GUIA DO CIDADÃO

http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Sobrevivendo_nas_redes.pdf

CARTILHA DE SEGURANÇA PARA A INTERNET: FASCÍCULO BOATOS

<https://www.nic.br/media/docs/publicacoes/13/fasciculo-boatos.pdf>

PARA ASSISTIR EM FAMÍLIA

O DILEMA DAS REDES (2020) +12

ISBN: 978-65-87503-10-3

CD



9 786587 503103